

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA**

Luiz Magno Marques de Abreu

**O PROFESSOR, O ATOR E A CRIANÇA NA DANÇA DA FILOSOFIA
NIETZSCHIANA: um manifesto para o porvir**

Belo Horizonte
2020

Luiz Magno Marques de Abreu

**O PROFESSOR, O ATOR E A CRIANÇA NA DANÇA DA FILOSOFIA
NIETZSCHIANA: um manifesto para o porvir**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência do Departamento de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Linha de pesquisa: Educação, Ensino e Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Pereira Lima Aspis

Belo Horizonte
2020

A162p
T

Abreu, Luiz Magno Marques de, 1993-

O professor, o ator e a criança na dança da filosofia nietzschiana [manuscrito] : um manifesto para o porvir / Luiz Magno Marques de Abreu. - Belo Horizonte, 2020.
115 f. : enc.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora: Renata Pereira Lima Aspis.

Bibliografia: f. 60-61.

Apêndices: f. 62-115.

1. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, -- 1844-1900 -- Assim falou Zarathustra -- Crítica e interpretação -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Filosofia -- Estudo e ensino -- Teses. 4. Política e educação -- Teses. 5. Filosofia -- Estudo e ensino -- Teses. 6. Capitalismo e educação -- Teses. 7. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, -- 1844-1900 -- Ética -- Teses. 8. Imperialismo -- Teses.

I. Título. II. Aspis, Renata Pereira Lima, 1961-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 107

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO
LUIZ MAGNO MARQUES DE ABREU

Realizou-se no dia 02 de março de 2020, às 19:00 horas, Sala da Congregação-Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 235ª defesa de dissertação intitulada *O Professor, O Ator e a Criança na Dança da Filosofia Nietzscheana: Um Manifesto Porvir*, apresentada por LUIZ MAGNO MARQUES DE ABREU, número de registro 2018666422, graduado no curso de FILOSOFIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Profa. Renata Pereira Lima Aspis - Orientadora (Universidade Federal de Minas Gerais), Profa. Sílvia Maria de Contaldo (PUC-Minas), Prof. Vinicius da Silva Lirio (UFMG).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada e destaca o caráter inovador do trabalho, que legitima o lugar da prática, se configurando de grande valor para o campo da docência em humanidades.
- Reprovada da matéria como pesquisa e a pesquisa como prática, se configurando de grande valor para o campo da docência em humanidades.
- Aprovada com indicação de correções

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

O PROFESSOR, O ATOR E A CRIANÇA NA DANÇA DA FILOSOFIA NIETZSCHIANA, UM MANIFESTO PARA O PORVIR.

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.
Belo Horizonte, 02 de março de 2020.

Profa. Renata Pereira Lima Aspis (Doutora)

Profa. Sílvia Maria de Contaldo (Doutora)

Prof. Vinicius da Silva Lirio (Doutor)

Dedico esta dissertação às mulheres da minha família: minha mãe, Aparecida; minhas irmãs, Alexandrina, Juliana e Júlia; minhas avós (*in memoriam*), Maria Rosária e Maria Júlia. Também a meu irmão, Lucas. E, finalmente, à minha afilhada, Ester, hoje com um ano de idade: que o seu futuro seja melhor que o nosso presente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço

à minha orientadora, Renata Aspis, por sua loucura e entusiasmo com a vida, sua amizade e companheirismo, por seu olhar perspicaz, sensível e vigoroso em relação ao mundo, às plantas, aos bichos e às coisas, por seus escritos que sempre me encham de esperança, ternura e revolta, pelas palavras e expressões engraçadíssimas que inventa.

Aos meus amigos de sempre e às suas respectivas famílias, Gustavo, Jennifer e Carolina pelas coisas inexplicáveis que vivemos todos esses anos, pelas alegrias presentes e futuras, pelas viagens, aconchegos e acolhidas, pelas brigas que fortaleceram ainda mais nossa união, por São João del-Rei, pelas inúmeras madrugadas e acampamentos, pela imortalidade do nosso encontro até depois de nossas vidas.

Aos meus companheiros de linha de pesquisa, pelas trocas afetivas, singelas e verdadeiras, pela coragem de assumirem em suas mãos o compromisso com uma educação inclusiva, artística, dialógica e humana, pela fé e pelo trabalho no presente, pelos encontros na casa da Lúcia, pelas comidinhas e garrafas de vinho, pela contação de histórias, pelo convívio e pela disponibilidade de conviver, por nossa resistência aos tempos sombrios de hoje.

À Lúcia Maria Correa, por sua gargalhada, suas palavras de ânimo, seus ensinamentos, seu vigoroso trabalho com as juventudes, sua alegria em nos receber em sua casa.

Aos meus amados ex-alunos, pela enorme contribuição que deram à minha formação profissional e humana, pela coragem de se permitirem aprender filosofia, pela generosidade de me ensinarem coisas que eu não sabia, pela confiança em meu trabalho e pela entrega que sempre dedicaram às nossas aulas.

Ao grupelho, pelas experimentações loucas e divertidas que me proporcionaram, pelas danças que engendramos em pleno centro da cidade, pelos incontáveis cafezinhos, pelas discussões sempre vigorosas, pelos carimbos e extensões e textos e cuidadinhos e amendoins e cervejinhas e...

A todos os meus professores, da pré-escola ao mestrado, pelo cuidado, a generosidade e os ensinamentos.

A meu pai que, apesar de ter sumido no mundo, me presenteou com a vida.

Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho.

Clarice Lispector.

Tudo o que não invento é falso.

Manoel de Barros.

Fracos são aqueles que não se deixam afetar por coisa alguma.

Luizinho.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar, a partir da circunstancialidade histórica do nosso tempo, as possibilidades que insurgem, através de um suposto esgotamento de nossas possibilidades, no enfrentamento às dinâmicas de morte que, insistentemente, se reafirmam por meio das revoluções do capitalismo no Brasil pós-golpe (2016). Dividida em três estágios, tendo como plano de fundo as três transmutações do espírito, propostas por Nietzsche em *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*, esta dissertação realiza, no primeiro âmbito, uma análise filosófica acerca da precarização do trabalho docente intercedida por relatos autobiográficos. Em seguida, de maneira não-convencional, apresenta uma dramaturgia que é, ao mesmo tempo, processo e “produto” (recurso educacional) para se pensar a colonialidade do ensino formal em nosso país. E, por último, apresenta-nos um manifesto que procura abrir o pensamento para o porvir como transmutação deste nosso tempo, com o auxílio da arte. O trabalho também conta com a elaboração de dois personagens conceituais, o *Professor* e o *Ator*, como fios condutores da narrativa.

Palavras-chave: Esgotamento; Sobrevivência; Educação e Política; Ética Nietzscheana; Filosofia do Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

The present work proposes to investigate, starting from the historical circumstance of our time, the possibilities that arise, through a supposed exhaustion of our possibilities, in facing the dynamics of death that, insistently, are reaffirmed through the revolutions of capitalism in the Brazil after the coup (2016). Divided into three stages, with the background of the three transmutations of the spirit, proposed by Nietzsche in *Thus Spake Zarathustra: A Book for All and None*, this dissertation performs, in the first scope, a philosophical analysis about the precariousness of teaching work interceded by autobiographical reports. Then, in an unconventional way, it presents a dramaturgy that is, at the same time, a process and a “product” (educational resource) for thinking about the colonality of formal education in our country. And finally, he presents us with a manifesto that seeks to open up the thought for the future as a transmutation of our time, with the help of art. The work also includes the elaboration of two conceptual characters, the *Professor* and the *Actor*, as the guiding threads of the narrative.

Keywords: Exhaustion; Survival; Education and Politics; Nietzschean ethics; Philosophy of Philosophy Teaching.

SUMÁRIO

AQUI JAZ UM PROFESSOR? (OU ERA UMA VEZ UMA DISSERTAÇÃO): UMA	
INTRODUÇÃO	11
PRIMEIRA CENA	23
SEGUNDA CENA	26
TERCEIRA CENA.....	33
QUARTA CENA	36
QUINTA CENA.....	40
CENA FINAL	43
UM MANIFESTO PARA O PORVIR	50
EPÍLOGO	55
INTERCESSORES.....	58
REFERÊNCIAS OUTRAS.....	60
APÊNDICE A - Processos (Vida como obra de arte).....	62
APÊNDICE B - Recurso educacional	68

AQUI JAZ UM PROFESSOR? (OU ERA UMA VEZ UMA DISSERTAÇÃO): UMA INTRODUÇÃO

É certamente uma visão apocalíptica. Mas se, ao lado dela e da angústia que a suscita, não houvesse também em mim uma parte de otimismo, ou seja, o pensamento de que é possível lutar contra tudo aquilo, eu simplesmente não estaria aqui, no meio de vocês, para falar.

Pasolini.

Rasgar. Rasgar a própria barriga para fazer jorrar o sangue que se prendeu em meu corpo. O sangue de toda uma multidão. Corpos luminescentes apagados pelo clarão das mitologias que se atualizam em nosso tempo: Deus, a Pátria e a Família. Cada vez mais, precisamos do escuro para que haja o voo da coruja capaz de abrir os olhos na noite. Para que sejamos capazes de contorcer nossos pescoços em direção a lugares inexplorados, devido um torcicolo de séculos. Para que flutuem vaga-lumes nas trevas é preciso que se entenda que cada brasa é uma potencial e inocente chama, diferente do ardente sol sobre nossas cabeças. Necessitamos reaprender a olhar aos poucos, com calma, a poesia expressa em pequenas luzes e a exercitar a capacidade de persegui-las para que não nos percamos em extremos. Nem o sol mais fumegante, nem a escuridão mais sórdida pode ser objeto de nossos desejos contemporaneamente. As crianças, sim, são verdadeiros vaga-lumes em todos os tempos.

É impossível escrever uma dissertação sobre o Ensino de Filosofia, hoje, no Brasil. Impossível? Durante dois terços desta pesquisa, defendi e acreditei na possibilidade de um ensino *Máquina de guerra*. O que se expressava no título desta investigação anteriormente: *Criando possibilidades: experimentações no pensamento para além do fim do caminho*. Como, então, passei da criação de possibilidades à impossibilidade da criação em tão poucos meses? Uma semente plantada, regada e cuidada entre períodos de luz e sombra que foi abortada no meio de seu florescimento. Um cenário apocalíptico para as ciências, as artes e as humanidades. Um professor de filosofia demitido por defender um discurso democrático; censurado em suas possibilidades de atuação e necessitando de um salário para sobreviver. Nossa luta sempre é pela sobrevivência, o direito mais elementar de todos. Por que, no Brasil, a escolha pela profissão docente ameaça tanto nossa própria existência? Acho que encontrei o fim do caminho que anunciava superar em outras paragens. Cansado e sozinho, pensei seriamente em desistir desta pesquisa.

A precariedade do Ensino de Filosofia é regra no jogo de cartas marcadas instaurado pelo capitalismo selvagem. O que se agudiza se transpormos seu regime segregador a um país de terceiro mundo, como o Brasil, que, movido por terrível complexo de vira-latas, assume

para si a tarefa de se auto explorar em nome de uma lógica estrangeira e colonial. Assim, a realidade criada pelo discurso neoliberal em latino américa culpabiliza os indivíduos por seus fracassos, desresponsabilizando o Estado de suas obrigações e transformando-o num servo de seus gananciosos jogos de poder. Quando não temos que lidar com as condições materiais do trabalho na escola pública, invariavelmente esbarramos no discurso meritocrático difundido em instituições privadas de ensino. O professor de filosofia, com apenas uma aula semanal na grade escolar que o priva de sua liberdade, dado que necessita muito se deslocar para sobreviver, espantando assim todos os seus devires, é o responsável por seus próprios infortúnios frente à profissão que escolheu defender. Em outras palavras, é um sonhador utópico incapaz de realizar plenamente a ‘nobre’ tarefa da educação para a cidadania. E que fique, estou sendo irônico neste parágrafo.

Meu ponto inicial na filosofia foi marcado por uma frase do meu pai. Logo quando soube da minha escolha pelo curso, proferiu friamente: - Você não vai ser nada na vida. Só mais tarde, anos depois, compreendi a que tipo de vida ele se referia. E agradei a Oxalá por esse fracasso. Tempos antes, quando me encantava com os fascínios do teatro e decidi cursar a escola de arte dramática, ouvi isso de sua boca:- Teatro é coisa de puta e de viado! E assim lhe respondi: - Pois agora o senhor tem um filho-puta-viado, então. Essas histórias são para evidenciar o quanto algumas pessoas, umas até muito próximas de nós, se arrogam o direito de nos lançar facas, protegidos por um discurso social que legitima seus assassinatos diários. Desde o dia de minha escolha pela profissão docente até os dias de hoje, cotidianamente, sou impelido por forças externas a defender o meu lugar no mundo. Eu, ator- professor- filósofo.

A pergunta mais elementar questiona saber como prosseguir acreditando na possibilidade de um novo mundo. Um mundo cujos restos são fruto de um apocalipse forjado na fé cristã e imposto aos sobreviventes que negaram salvação transcendental. O que fazer com a herança desse mundo maldito que nos circunda dentro e fora do corpo, essa casa de pecado e descrença? Em todos os tempos dizemos que não houve outro tempo igual ao tempo em que vivemos, porque em toda a história desta pátria (nenhum pouco amada) nos tornamos despojos de uma guerra cujos verdadeiros mandantes jamais pisaram em meio à luta armada. E assim, nos corporificamos em prendas de um sádico desejo de poder cuja existência hospeda-se no infortúnio alheio. Massacrados, somos usurpados de nossa força e do chão clamamos por nossa morte.

É deste lugar que vos falo hoje, do solo e da solidão de uma luta perdida. Mas uma surpresa: deitado, posso agora ver os rastros de uma nova possibilidade, pois esgotei todas as minhas armas no combate e eis que, agora, o que resta é apenas um corpo em meio a outros

corpos - e nos igualamos em nossa derrota. Agora entendo que só posso seguir porque não há mais para onde ir. Uma terrível e poética constatação que se transvalora em força. O eco agônico dos derrotados que compõem melodias atormentadoras de espíritos. Já não somos mais o que éramos. Somos uma multidão de corpos transformados num pó que, por mais que varrido, sempre deixará rastros de sua existência.

Já não nos serve mais os caminhos que antes percorríamos. Já não possuímos as condições que faziam deles nossas possibilidades. Tivemos nossas armaduras perfuradas e fomos afetados por nossa circunstancialidade. Como criar sentido para esse novo corpo, essa nova perspectiva, esse acontecimento? Como entender essa morte como uma possibilidade de vida, abandonar o que compunha o nosso discurso e, conseqüentemente, o nosso pensamento? Como prosseguir estando ferido e impossibilitado de nos mover?

O úmido chão nos concede a recompensa da luminescência das estrelas em uma noite escura. Vaga-lumes vagam sobre nossas cabeças. E percebemos que a existência desses corpos está condicionada à pausa que o mundo nos nega para olhá-los. É preciso estar quieto para ver. É preciso estar quase morto para que se entenda.

Estive. Sempre estive apaixonado por minha leonina imagem, capaz de vencer o mundo com mãos solitárias, independentes daquelas que amorosamente se estendiam em meu socorro. Decididamente, procurei enganar a morte; coloca-la em uma coleira. E como um homem letrado, procurei negar o absurdo que nos ronda. Tal como Sísifo, não fui capaz do feito de vencer aquilo que é invencível e, assim, fui condenado em vida a carregar minha pedra: o peso de minha arrogância. Fui vencido por minha pretensa invencibilidade. Creio que deveria ter lido menos romances de cavalaria.

É preciso rir-se. O ridículo é o absurdo. O pouco que somos. Cravar os nossos corpos no chão. Olhar para cima. Enxergar na falsa fixidez do céu as luzes que nos contemplam contempla-las. Espelho. E um imenso mundo entre essas claras noites; o único pelo qual podemos ainda lutar. Rir-se é entender-se caído. Deitado. Eu deito pelos professores cansados. Deito-me por que é preciso, pois só agora entendo que a impossibilidade da criação é justamente a condição de possibilidade para que se crie algo. O absurdo exige a revolta; o revide. A criação de um sentido.

Qual é o sentido que persigo? Por que já não mais vivo? O que me é possível desejar de onde me encontro? Antes deste momento, este exato momento em que escrevo, já não me sentia capaz de crer na opaca luz dos vaga-lumes que por aí voam, espalhados pelo mundo; esse rastro fosfórico na escuridão a nos alertar sobre o *black-out* que criou morada dentro de nossas cabeças. Já não mais vivo porque o que me animava era o vazio de algumas palavras

que coloriam-se em minha boca e jamais se efetivavam no mundo. Para sobreviver, me tornei um prostituto do conhecimento que acumulava. Quando adulto, jamais lutei por algo para além da minha sobrevivência. Ruminante e decadente segui no deserto da obediência e fiz do meu desejo, esse afeto de comando, algo a ser comandado pelo peso de uma vida angustiada.

Madrugada. Um professor duvida de si. Amanhece. No trajeto até o colégio esquece tudo o que aprendeu. Se sente uma farsa. O que fazer em cinquenta minutos de aula? São tempos outros, a direção quer assistir ao seu curso. Há prazos, datas, conteúdos e programas a serem cumpridos. A coordenação lhe mandou um e-mail dizendo que a proposta do núcleo de humanidades (Filosofia, Sociologia, História e Geografia) era um projeto subversivo demais para o padrão da escola. O que há de tão perigoso em estudar as desigualdades sociais a partir das canções de Belchior? Um professor chega à instituição. Bate o seu ponto. Deseja bom dia às secretárias. Toma uma água. Respira. Encontra um aluno deixado cedo pelo escolar que segue a risca o seu itinerário. Um professor lhe sorri. O estudante dorme.

Na sala dos docentes estão outros dois professores. Estão em silêncio. Ambos contemplam a parede branca do cômodo, absortos em seus pensamentos. O que pensam? O terceiro professor se assenta e retira da bolsa o livro de sua matéria. O que fazer com aquilo? O sinal toca. Aperto no peito, frio na barriga. “Boa aula, companheiros!”. A permanência do silêncio. Um professor sobe às escadas como quem fosse à guilhotina. Reúne pelo caminho alunos perdidos de suas classes.

Todos assentados. A aula começa. Ruídos. Um professor professa às paredes. Ele para. Ninguém percebe. Os pupilos conversam sobre o fim de semana. Ele só pensa que passou o sábado e o domingo inteiros corrigindo provas. A direção é rígida quanto à ordem: a escola é um relógio. “Todos atentos, por gentileza!”. Qual é o sentido disso tudo? Quatro anos de graduação mais dois anos de mestrado. Ser mestre em educação e calouro de sua própria vida. Um professor emite juízos acerca de sua realidade. Retoma a aula. Quinze minutos de atenção dos discentes. O peso de carregar a responsabilidade da ‘cidadania’ em suas costas. Pra que serve a filosofia? Não se pode fazer muito em tão pouco tempo. Não se pode fazer muito em uma vida.

Bate o sinal. Segundo horário. Uma pergunta fugaz durante a aula: - Professor, o que é o fascismo? Medo de responder à pergunta.

Bate o sinal. Terceiro horário. Outra questão: - O que é o amor? Certamente não é aquele cenário.

Intervalo. Gritaria. O café quente fumega nas xícaras pousadas nas mãos dos docentes que encaram o vazio. Alguém ousa abrir a boca, mas logo é interrompido por uma mosca que

voa aflita a bater incessantemente na parede branca. Moscas são metáforas. Elas voam sozinhas fazendo um burburinho incômodo e batendo insistentemente nos vidros que nos impedem de alcançar os lados de fora, seja do mundo, seja de nós mesmos. O que será que pensa uma mosca sobre um professor?

A sala silenciosa abriga passados repletos de sonhos e terríveis preocupações com o futuro. Onde se encontra o presente? O relógio prenuncia a chegada do quarto horário. Frio na barriga. Suores nas mãos. Pés batendo em ritmo de trem. Tic-tac-tic-tac-tic-tac. Os trilhos trepidam. É chegada a hora. Bate o sinal. Imobilidade. Todos se entreolham para saber quem terá a coragem de se levantar primeiro. Trata-se de um jogo de tensões e de um tácito acordo. Ficariam ali o resto da manhã até que alguém, corrompido por uma terrível culpa, se levantasse, arrependendo-se no meio do movimento de elevação. O que não ocorre, é claro. Como sempre, o bedel abre a porta e os olha, também silencioso. Não é preciso dizer nada, o dever lhes chama.

Kant: - Duas coisas me enchem o espírito de admiração e de reverência sempre nova e crescente, quanto mais frequente e longamente o pensamento nelas se detém: o céu estrelado sobre minha cabeça e a lei moral dentro de mim.

O quarto horário se inicia entre gritos, gargalhadas e insultos. Tudo normal. “Assentem os seus corpos nas cadeiras!”. “Fulano, você está com algum problema?”. “Ciclano, por acaso você está com oxiúros ou tem formiga em sua cadeira?”. “Todos atentos, por favor!”. E entre súplicas e xingamentos, a aula segue. Os alunos não se recordam da lição passada. Como poderiam, afinal?! Uma semana já havia transcorrido depois das últimas palavras de um professor de filosofia. A paciência é uma virtude. O descaso é uma covardia. Esse professor está sozinho (é como ele se sente).

Quinto horário. É preciso se animar. Há uma turma inteira esperando por você. Uma enormidade de cadeiras enfileiradas e cinquenta olhos a observar sua conduta. Não. Quarenta olhos. Trinta. Vinte. Dez. Dois. Só as cadeiras. Desânimo. A sexta aula custa a chegar. O tempo é fenomenológico.

Na última aula da manhã só se escuta o estômago alheio. Muitos contam os segundos para o término da lição. “Professor, você nos liberaria cinco minutos mais cedo?”. 12h30. Um educador se sente pela metade na metade do dia. Bate o ponto. Despede-se das secretárias. Sai correndo para não ser interpelado por ninguém no trajeto até o portão de alforria. Aperta a mão do porteiro. Vê-se na rua. Vai perder o ônibus. Há uma infinidade de carros da classe média parados à porta do colégio. Um professor decide caminhar até a estação. Coloca os fones de ouvido. Chico Buarque: Roda-Viva. O sol queima um corpo debaixo de um uniforme

azul marinho. Um bordado na camisa: crianças dançam em torno do mundo. Um camelo no deserto urbano lembra Nietzsche: as três transmutações do espírito. Camelos não dançam. Como se tornar uma criança? Um professor, outro professor, nós: professores. O discurso não substitui a verdade! E todas as verdades são sangrentas. O desejo de outra vida. Outro dia. Outros. Outra maneira de fazer o mesmo.

Agora não há mais o trabalho. Em minha carteira profissional figura a data da minha demissão. Quer dizer que não sou agora um professor? Com a arte aprendi que o ensaio é a repetição de algo que nunca está pronto. Entendi que ensaiar é fazer brotar do mesmo a novidade. Quando é que podemos dizer que um espetáculo está pronto? E se é assim na “ficção” essa consciência não se estenderia mais fortemente para a vida? Cada vez mais, sinto-me perseguidor de um mundo que não está no futuro. Um mundo que há tempos ensaiamos e que permanecerá sempre ensaio. Um mundo presente cuja experimentação vivifica o seu sentido, um mundo sempre por se fazer e do qual somos testemunhas em devir. Por isso, só posso crer que viver é um ensaio em resistência.

Tenho medo. É impossível não temer frente à evidência do extermínio. Somente este ano vi quedar muitos amigos, companheiros de profissão e de luta. Acompanhei a execução de seus sonhos, o surgimento de suas doenças e chagas, a excessiva medicação a que foram submetidos, os efeitos colaterais dos remédios e a terrível humilhação da súplica pela sobrevivência. O que fizemos de errado? Transitamos constantemente entre a esperança e o desespero. Como ser um vaga-lume capaz de apagar o clarão de um deserto? E como, nesse mesmo mar de areia, fazer brilhar a luz na escuridão e no frio que nos consomem? São tempos dúbios, certamente.

Não é possível mais empreender grandes projetos. Os fluxos mudaram. Devemos crer mais nas pequenas luzes, pois “Mergulhados na grande noite culpada, os homens irradiam às vezes os seus desejos, seus gritos de alegria, seus risos, como *lampejos de inocência*” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 20). E assim, “nessa alegria inocente e poderosa que aparece como uma alternativa aos tempos muito sombrios ou muito iluminados do fascismo triunfante” (HUBERMAN, 2014, p. 20), aventamos a possibilidade de transmutação dos nossos espíritos em impetuosa e renovada juventude.

O fim do caminho, o ridículo de nossa circunstancialidade, o absurdo da vida, o desemprego, a dor e o desespero são o que fazem emergir em mim o desejo da inocência. São esses “momentos de exceção em que os seres humanos se tornam vaga-lumes – seres luminescentes, dançantes, erráticos intocáveis e resistentes enquanto tais – sob nosso olhar maravilhado” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 23). Os algozes odeiam o riso e a dança. Para

eles, é insuportável ver nossa alegria. Luminescemos diante do muro do nosso extermínio, como o “rebelde desconhecido” que desafiou tanques de guerra na Praça da Paz Celestial (irônico) em Pequim, no dia 05 de junho de 1989. Ou ainda, como a suposta fotografia de Federico Garcia Lorca a recitar um último poema antes de ser fuzilado na cidade de Granada em 18 de agosto de 1936. Quero crer que a História está abarrotada de vaga-lumes. Uma *luz menor* está repleta de sentido político, coletivo e, assim, se personifica num povo e num corpo que revela as condições revolucionárias de sua sobrevivência na dança que empreende.

“Para conhecer os vaga-lumes, é preciso observá-los no presente de sua sobrevivência: é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 52). Entretanto, há tempos em que desaparece de nossos desejos a confiança na sobrevivência desses corpos luminescentes. E negamos, devido às dores que carregamos, abrir os olhos no meio da noite. Somos constrangidos pelo medo de que, no instante em que nossas pálpebras se afastarem, seremos devorados por um terrível monstro. A escuridão cria sempre caminho para que “pessoas de bem” assumam seus descomunais desejos sádicos. Contudo, é no meio das trevas que “a dança dos vaga-lumes se efetua” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 55). O bailado de um vaga-lume é um instante que concentra, ao mesmo tempo, força e fragilidade.

No meio do embate, os vaga-lumes criam outra coisa, um novo status para a própria guerra em que nos forçaram viver. Isso se dá, acreditamos, pela dimensão do tempo que concernem ao seu voo, à sua capacidade de aparecer e desaparecer, à instauração de um novo modo de guerrear cuja guerra não se encontra no centro de seus esforços. O embate direto é a efetividade de seu extermínio. Os vaga-lumes nos possibilitam outra maneira de pensar a luta, aquém e além da destruição.

O verdadeiro fascismo é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo. É aquele que conduz sem carrascos nem execuções em massa, à supressão de grandes porções da própria sociedade, e é por isso que é preciso chamar de genocídio essa assimilação (total) ao modo e à qualidade de vida da burguesia (PASSOLINI, 1974, p. 76-82-261 *apud* DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 29).

Um exemplo desse genocídio pode ser entendido a partir do seguinte fato:

No dia 14 de março de 2018, Marielle Franco, socióloga e vereadora pelo estado do Rio de Janeiro, foi brutalmente assassinada. Segundo foi noticiado, por volta das 21h00, Marielle saiu de um evento que mediava na Lapa, acompanhada de sua assessora e de um motorista, Anderson Gomes. Trinta minutos depois, um carro emparelhava com o da vereadora, na

região central do Rio, e dois homens dispararam treze tiros contra a carroceria do veículo. Marielle foi atingida por três balas na cabeça e uma no pescoço. Anderson Gomes levou outros três tiros nas costas. Ambos morreram. A assessora foi atingida por estilhaços de vidro, mas permaneceu viva. Marielle Franco investigava o envolvimento de policiais com milícias na cidade do Rio de Janeiro. Era uma mulher negra e lésbica.

Um ímpeto de leão - ensaiando um passo de dança:

Como suscitar um devir- revolucionário? Na sexta feira, dia 16 de março de 2018, entrei na sala para ministrar minha aula de filosofia. Ao contrário dos outros dias, não desejei “bom dia!” a ninguém. Abri o livro na página 57 e, para a surpresa dos alunos, pedi que abrissem, também, os seus livros. Assim, iniciei uma preleção acerca da imortalidade da alma em Santo Tomás de Aquino. Entretanto, vez ou outra, levantava uma fotografia que havia trazido comigo em papel A2, sem dar qualquer explicação do que se tratava aos alunos. E assim procedi por mais quatro ou cinco vezes. Estampada na folha havia a imagem de Marielle. Um burburinho começou a ecoar na sala. E, pouco a pouco, a atenção que antes se concentrava em minha fala foi sendo direcionada naturalmente ao questionamento da presença daquela fotografia. Devagar, os alunos começaram a conversar sobre o ocorrido no dia 14, esquecendo-se da minha presença. Até que, em determinado momento, uma conversa plena se estabeleceu. O professor havia desaparecido, como um vaga-lume em pleno voo. Antes do término da aula, entrei no diálogo estabelecido pelos discentes e problematizei as questões por eles levantadas. Perguntei a razão pela qual após um crime tão terrível continuamos a tocar nossas vidas como se nada tivesse acontecido. Além do por que a instituição escolar se manter “neutra” em relação ao ocorrido. Sugeri que dessem continuidade àquela investigação em casa, pesquisando notícias em sites e comparando-as entre si. Na segunda-feira, conceitos como *democracia, ética, política, poder e feminicídio* apareceram em nossa roda de diálogo. Em conjunto, decidimos tornar público o objeto de nossas investigações e, assim, produzimos um enorme painel no pátio do colégio, cujo rosto da Marielle, feito a partir de papéis coloridos, juntamente com textos produzidos pelos alunos, figurava, às claras, uma contraposição ao silêncio institucional. Nossa aula reverberava pela escola. Naquela semana, outros professores nos procuraram propondo que compartilhássemos os nossos debates com os demais alunos do Ensino Médio. Topamos a ideia. E o que era para ser uma simples aula de filosofia, tornou-se uma *máquina de guerra* contra a forma-Estado desenvolvida no pensamento. Naquele dia, Marielle fez-se vaga-lume e ecoou a voz de todo um povo. E assim, entendemos que “A insurreição é da ordem da cólera e da alegria, não da angústia ou do tédio” (PELBART, 2016, p.164).

Aprendemos a transformar dores em dança. Se nos forçaram a um tempo de guerra, como revidar a esse aparelho que nos avilta e nos mata? A alegria, a amizade, a arte e a poesia anunciam algumas alternativas, pois em toda a história do mundo são sempre esses elementos que nos co(movem), porque criam sentidos e “O sentido é um acontecimento puro, uma relação (uma vez que pressupõe um encontro de corpos), e, por esta mesma razão, ele só pode ser objeto do nosso pensamento” (SCHOPKE, 2012, p. 182).

Os agenciamentos de vida favorecem a multiplicidade em detrimento da unidade. O pensamento como experimentação se contrapõe ao aparelho de Estado, se relacionando diretamente com o fora, já que cria linhas de fuga ao modelo que deveria ser seguido; em outras palavras, a tácita aceitação do inaceitável. Nesse sentido, as pequenas luzes ou as minorias não são definidas numericamente, ao contrário do que o capitalismo nos faz crer, mas por sua efetiva possibilidade de dissidência ao modelo, ou seja, as ofuscantes luzes do que chamamos maioria.

As linhas criadas pelas luzes fosfóricas (menores) produzem *diferença*; o movimento de algo que se diferencia de si mesmo. Algo que foge ao planejado. Ou seja, mais do que a realização de algo, trata-se da criação deste algo: possibilidade outra diante do mesmo. Inverte-se, assim, a proposição que pressupõe a execução de propostas universais. Os grandes empreendimentos. Um acontecimento é marcado por nossa presença no presente e pelo jogo de atenção e escuta que esse estar *sendo* proporciona. Portanto, um único vaga-lume já é um campo inteiro de abertura para o possível.

A efetivação do acontecimento dá-se, sobretudo, por meio da disponibilidade para o convívio. Trata-se de uma questão de nascimento, já que o acontecimento produz uma nova existência, forçando-nos a pensar e a sentir o que antes não estaria no alvo de nossas pretensões. O que significa dizer que assumimos uma nova sensibilidade; agora sentimos e percebemos de outras formas num mundo que também já não mais o mesmo.

Dessa maneira, “Passamos de um modelo de autoridade para um modelo relacional” e instauramos “uma explosão de poéticas, uma molecularização dos grandes modelos a partir de uma cartografia infinita de micropoéticas vinculadas às estruturas de desejo” (DUBATTI, 2011, p. 5). Na esteira dessa perspectiva, dessa forma também diz Deleuze a Parnet:

[...] já não se suporta o que se suportava antes, ainda ontem; a repartição dos desejos mudou em nós, as nossas relações de velocidade e de lentidão modificaram-se, assalta-nos um novo tipo de angústia, mas também uma nova serenidade. (DELEUZE; PARNET, 2004, p. 153).

Em vista da sobrevivência dos vaga-lumes, as pequenas luzes passam a promover encontros, [...] o encontro com o impensado, com aquilo que torna uma eventualidade qualquer em algo que afeta (ZOURABICHVILI, 2016, p. 340).

Como Latour, acreditamos que

um sujeito só se torna interessante, profundo ou válido quando ressoa com os outros, quando é efectuado, influenciado, posto em movimento por novas entidades cujas diferenças são registradas de formas novas e inesperadas. [...] a diferença é o que produz sentido [...]. (LATOURE, 2008, p.43).

Diante de tudo o que foi dito e vivido por mim nesse processo de escrita, não há outro modo de prosseguir esta pesquisa senão por meio de uma poética artística, autobiográfica (a circunstancialidade de um professor e o seu tempo), com pretensões de ser dionisíaca e num formato diferente do que comumente apresentado à academia. Tal abordagem congrega uma força política, uma tentativa-sobrevivência. Por meio da narrativa que se apresentará logo abaixo, estou a

[...] ganhar vida, fazê-la ou refazê-la e compreendê-la um pouco. Essas são operações que se situam nas fronteiras do individual, do social, do consciente e do inconsciente [...], as histórias de vida como prática autopoietica são vistas como práticas contrabandeadas em relação às práticas disciplinares. (GASPAR, ARAÚJO E PASSEGGI, 2011, p. 02).

Um exame de memória me permite “reconstruir experiências, refletir sobre dispositivos formativos” (SOUZA, 2006, p. 159) e criar espaço para uma compreensão de minha própria prática humana e professoral.

Tenho agora o ímpeto de um leão. O que nos resta saber é se conseguirei me tornar aquilo que sou. Se assumirmos que ao me educar educo também meus interlocutores, como Zaratustra, e que “[...] aprender resulta de um processo de participação e advém das experiências vividas [...] (FIGUEIREDO, 2016, p. 373), conseguiremos alcançar a beleza da dança de uma criança? Conseguiremos descer a montanha para com os outros partilhar, não a verdade, pois ela não existe, mas um projeto de auto superação? Como certa vez disse um teatrólogo: “Para encontrar a si mesmo, é preciso misturar-se com o outro: o outro em nós mesmos ou o outro que está fora de nós” (BARBA, 2018, p. 13)..

Hoje, do chão de um deserto, é que compreendo que experimentando as circunstâncias aprendemos a determinar os acontecimentos e a construir os martelos que despedaçam os destinos transcendentais (BARBA, 2018, p. 9). E este lugar, o chão, “[...] por sua territorialidade, por sua corporeidade, por seu convívio [...]” (DUBATTI, 2011, p. 7), é um

espaço de minoria. É por isso que lhes apresento *O Professor, o Ator e a Criança na Dança da Filosofia Nietzscheana*, uma dissertação-manifesto-dramaturgia a favor da vida.



PERSONAGENS

O ATOR

O PROFESSOR

A MESA

TRABALHADORES

O PÚBLICO

PRIMEIRA CENA:

Uma instalação. Um corredor. Um grande tecido. No pano está contada a história do Ensino de Filosofia no Brasil. Há também frases, como: “Incorporo a Revolta”, “Inventar ou Perecer”, “Eu Me Transbordo de Alegria”. O público tem à sua disposição canetas, alfinetes, tintas, pincéis, linhas e agulhas, fotografias, papéis em branco, recortes de revista e todo tipo de coisa que ajude a compor esse parangolé. Projetada numa parede, a seguinte nota:

Fruto das experiências de Hélio Oiticica (1937-1980) com a comunidade da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, no Rio de Janeiro, o Parangolé é criado no fim da década de 1960. Considerado por Hélio Oiticica a "totalidade-obra", é o ponto culminante de toda a experiência que realiza com a cor e o espaço. Apresenta a fusão de cores, estruturas, danças, palavras, fotografias e músicas. Estandartes, bandeiras, tendas e capas de vestir prendem-se nessas obras, elaboradas por camadas de panos coloridos, que se põem em ação na dança, fundamental para a verdadeira realização da obra: **só pelo movimento é que suas estruturas se revelam.**

O ator está assentado em sua cadeira. Tem à sua frente o tecido, que parece nascer entre suas pernas. Veste uma porção de casacos em camadas. Aparenta ter quarenta quilos a mais do que possui. Está imóvel. Sobre si a seguinte frase projetada: *um camelo*. À sua volta, uma infinidade de papéis. Ele mesmo quase se mistura com esses montes que se transformam em dunas de areia.

Ator: - Aqui brilha minha tolice (Orgulhoso).

O público se assenta nos cantos das paredes, entorno da instalação e do tecido.

Como que respondendo a uma entrevista, o ator a todo o momento tenta se levantar da cadeira, mas não consegue. Vez ou outra consegue retirar de sobre si um ou dois casacos. Ao longo de suas respostas, vai puxando o tecido para o ventre. Tornando-se grávido das palavras que ele mesmo diz.

Ator: - Subjetivamente, posso dizer que, ao longo da minha trajetória como docente, fui compreendendo que existe, em alguma medida, uma dicotomia entre a tarefa prescrita e a tarefa real do trabalho curricular. Quando me dedicava estritamente ao fazer prescritivo, quase nunca conseguia atingir os objetivos propostos. Por outro lado, quando eu me permitia criar brechas na formalidade do trabalho, passava a considerar aspectos intraduzíveis na forma e, portanto, além de cumprida, a tarefa era ampliada. Lembro-me de uma leitura que fiz, não sei onde, que dizia do período industrial: quando os trabalhadores queriam sabotar os rendimentos da fábrica realizavam os seus afazeres da maneira prescrita, ou seja, o trabalho se esvanecia de vida. Acredito que o mesmo acontece com a prática diária do professor no chão da sala.

(Pausa. Como que ouvindo a uma pergunta).

Ator:- É muito interessante pensar que a autonomia do trabalho docente acontece justamente quando este, o professor, compreende o funcionamento de determinadas estruturas e das fórmulas apresentadas nos programas curriculares, prescritas pelas autoridades escolares. A gente se ilumina dessas coisas para delas se emancipar. A autonomia do professor está, também, em poder e saber usar e escolher aquilo que nos é oferecido pelos programas, assim como rejeitar determinados aspectos do mesmo, é claro. Ou seja, os objetivos estão dados, mas os meios para alcançá-los, não. De algum modo, o currículo oficial “determina” a autonomia dos professores, apesar dessa determinação parecer se contrapor ao caráter autônomo do trabalho docente.

(Pausa. Uma voz em *off* começa a dizer repetidamente a frase: *Tu deves! Tu Deves!* O ator começa a se exaltar, seus movimentos se tornam mais amplos. Ele responde: *Eu quero! Eu farei!*).

Ator: - Para mim, o trabalho do professor está diretamente ligado a uma prática de transformação, num sentido amplo, quero dizer. O docente deve criar formas de se locomover dentro das estruturas nas quais está inserido, se apropriando dos instrumentos fornecidos por elas. A transformação aqui adquire um sentido artesanal, um trabalho feito com as mãos, as mesmas que escrevem na lousa escrevem subtextos nos espaços, nos currículos, etc. O professor é aquele que se apropria desses elementos para transformá-los em fazer e em novas inquietações.

(Desaparece do seu peito os dizeres *um camelo*. Agora, projeta-se: *um leão*. Ele já possui muito menos camadas de casacos. Ouve-se, ao longe, um batimento cardíaco, como que de uma criança no ventre. A barriga do ator já está bem grande).

Ator: - De uma maneira decisiva, a laboração docente é constantemente atravessada pelo mundo em que ele, como vivente, está inserido (ou jogado, como diria Sartre). Assim, o nosso fazer está permeado por repetidas séries de codificação e decodificação do mundo. Como seres situados num tempo histórico, este, por sua vez, certamente nos fomenta perspectivas, modos de vida e de encarar a realidade. Interpretar o mundo, seja como docente ou discente, é uma tarefa política e de confronto à realidade. De outro modo, as vivências, as relações com os sujeitos da educação e os contextos sociais subsidiam as transformações que compõem o trabalho do professor. Interpretar é assumir-se como sujeito e como transformador da história e, conseqüentemente, do fazer educativo.

Voz em off: Tu deves! Tu deves! Tu deves! (Desaparece a frase: *um leão*)

Ator: - (Revoltoso e como que sentindo as dores de um parto) Historicamente, a epistemologia se contraporá às opiniões, ou seja, ao senso-comum. Não seria isso mesmo o trabalho do professor, fomentar o rigor no pensamento? Entretanto, é válido lembrar que o conhecimento, seja ele de qual área for, está repleto de signos e ideologias acerca da realidade. Portanto, isto significa dizer que, como educadores, somos sempre parciais em nosso trabalho, pois nossa visão de mundo é sempre um recorte dentre as diversas possibilidades do nosso olhar. Esses recortes são advindos, é claro, também de nossa formação, seja ela acadêmica ou não. Verificamos, portanto, que a natureza do conhecimento para cada docente é fruto de uma tessitura complexa, composta de diversas camadas. São elas que engendrarão a identidade docente, aliadas, é claro, à cultura em que ele está inserido. Especificamente, falo do nosso modo ocidental de encarar o mundo.

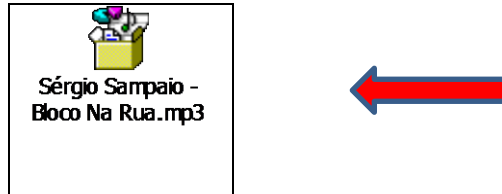
(Um choro de recém-nascido rompe o espaço. O ator retira as últimas camadas de casacos que possui. Se põe de pé).

Ator: - (Nascendo) Eu farei!

(Retira as peças fundamentais do corpo, a calça, a camisa e a cueca. Fica nu. *Bloco na Rua – Sérgio Sampaio*. Cobre-se com tinta vermelha).

Ator: (Citando Nietzsche, A Gaia Ciência, p. 12) “Todas as verdades são para mim verdades sangrentas”.

(Veste o tecido que trazia em sua barriga. Inflama-se. Brinca. Dança. Cria. Colhe. Festeja).



(Clique duas vezes sobre o ícone)

*Há quem diga que eu dormi de touca
Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga
Que eu caí do galho e que não vi saída
Que eu morri de medo quando o pau quebrou*

*Há quem diga que eu não sei de nada
Que eu não sou de nada e não peço desculpas
Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bobeira
E que Durango Kid quase me pegou*

*Eu quero é botar meu bloco na rua
Brincar, botar pra gemer
Eu quero é botar meu bloco na rua
Gingar, pra dar e vender*

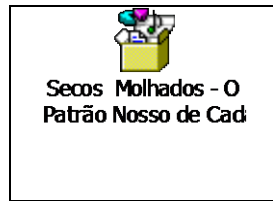
*Eu, por mim, queria isso e aquilo
Um grilo mais daquilo, um grilo menos disso
É disso que eu preciso ou não é nada disso
Eu quero é todo mundo nesse carnaval*

*Eu quero é botar meu bloco na rua
Brincar, botar pra gemer
Eu quero é botar meu bloco na rua
Gingar, pra dar e vender*

O ator tem um tambor em suas mãos que dita o ritmo de sua incandescência, mas logo o deixa de lado. Acende um sinalizador e conduz o público até uma porta. Logo após o último verso da canção, abre a boca para proclamar algo, a porta se abre fazendo um grande estrondo. Ele leva um tiro. Fim da primeira cena.

SEGUNDA CENA

Bate um sino ao longe. *O Patrão Nosso de Cada Dia – Secos e Molhados.*



(Clique no ícone duas vezes)

*Eu quero o amor
Da flor de cactus
Ela não quis*

*Eu dei-lhe a flor
De minha vida
Vivo agitado
Eu já não sei se sei
De tudo ou quase tudo
Eu só sei de mim
De nós
De todo o mundo*

*Eu vivo preso
A sua senha
Sou enganado*

*Eu solto o ar
No fim do dia
Perdi a vida*

*Eu já não sei se sei
De nada ou quase nada*

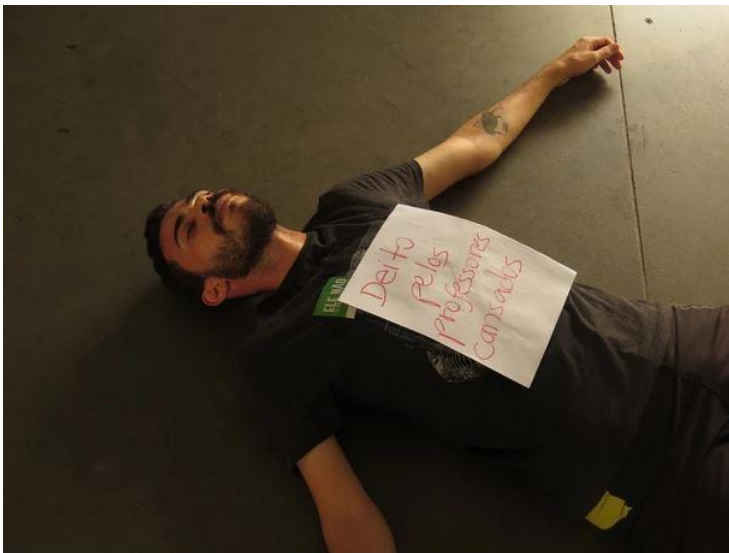
*Eu só sei de mim
Só sei de mim
Só sei de mim*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia
O patrão nosso
de cada dia
Dia após dia*

Uma procissão de Trabalhadores começa a marchar em direção ao corpo no chão. Eles passam pelo mesmo portal pelo qual partiu o tiro que retirou a vida daquele ator. Carregam o corpo por sobre as suas cabeças, levando-o para o local de onde saíram. Tudo acontece de modo lento e doído. A luz se modifica. Um refletor de contra é lançado sobre a cena. Luz branca. O tecido que cobria o corpo do ator permanece no corredor, ensanguentado. Os Trabalhadores caminham para perto da luz, projetando enormes sombras e multiplicando substancialmente o número de sujeitos que participam da ação. O público vai seguindo o cortejo de tal modo que suas sombras também se misturam às demais projeções. Todos testemunharam o nascimento e a morte de uma criança.

A luz vai se apagando. Os Trabalhadores somem. Do lado contrário ao cortejo, projeta-se a seguinte imagem, acompanhada do poema de Ricardo Reis (voz em *off e em eco*):



*Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.*

*Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia*

*Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo
Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam.
A quem me sei: eu escrevo.*

O ator reaparece do lado contrário à projeção. Está sozinho. No palco, apenas ele, uma mesa e uma cadeira. Veste-se como um professor (como é que um professor se veste?). O sinal toca. O som sai como que de sua boca, similar a um grito preso há muito tempo no corpo. Burburinho escolar. Uma luz muito forte e clara (âmbar) sobrevém à mesa: é um chamado.



A Mesa: - Venha!

O ator, sem qualquer resistência, assenta-se. Sua feição é quase neutra, esboçando apenas pequenos lampejos de intenção, sobretudo angústia e tédio. Retira do bolso uma caneta e se põe a examinar papéis. Vez ou outra blatera. Em *off*, um áudio. O ator coloca um papel inteiro em sua boca. Rumina e baba enquanto escuta:



(Clique duas vezes sobre o ícone)

(Descrição do áudio):

(Faixa 1) Projeção - 1964

Repórter: - *Gente, não houve um retrocesso na democracia?*

General: - *Que retrocesso coisa nenhuma! Que retrocesso? É constitucional. O que é democracia? Democracia é a aplicação da lei. A aplicação da lei. A lei foi aplicada. Então, não houve retrocesso. Que modifiquem a lei, então! Que retrocesso coisa nenhuma! Isso aí é reproduzido em centenas de jornais, atinge milhões de brasileiros, uma única fonte dizendo falsidades. Atinge milhões de brasileiros e, mais ainda, cada jornal reproduz como se fosse uma notícia sua. Vale dizer, sai de uma maneira num jornal, sai de outra maneira noutro jornal e isso aí fica espalhado no Brasil todo.*

(Faixa 2) Projeção - 2016

O Coiso: - *[...] glória para o povo brasileiro. Tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha! Perderam em 64, perderam agora, em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve; contra o comunismo; pela nossa liberdade; contra o Folha de São Paulo; Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff.*

Eduardo Cunha: - *Como vota, deputado?*

O Coiso: - *Pelo Exército de Caxias...*

Eduardo Cunha: - *Como vota, depu...*

O Coiso: - *pelas nossas forças armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!*

(Faixa 3) Projeção - 1968

Presidente Costa e Silva: *É com verdadeira violência aos meus princípios e ideias que adoto uma medida como esta. Mas adoto porque estou convencido que é do interesse do país. É do interesse nacional que ponhamos um basta.*

(Faixa 4) Projeção - 2016

Jean Wyllys – *Em primeiro lugar, quero dizer que estou constrangido em participar dessa farsa, dessa eleição indireta, conduzida por um ladrão, urdida por um traidor, conspirador, e apoiada por torturadores, covardes, analfabetos políticos e vendidos. Essa farsa sexista! Em nome dos direitos da população LGBT, do povo negro exterminado nas periferias, dos trabalhadores da cultura, dos sem-teto, dos sem-terra, eu voto não ao golpe. E durmam com essa, canalhas!*

(Faixa 5) Projeção - 1964

Propaganda Institucional: *No início de 1964, assim era o dia-a-dia: agitação, desordem, intranquilidade. O povo exigiu o fim da anarquia. O exército, solidário com as legítimas aspirações do povo, cumpriu sua missão constitucional, garantindo a lei e a ordem. Exército: compromisso com a democracia.*

A partir da quarta faixa, o ator deixa de ruminar. Atento, escuta as palavras que emanam das caixas sonoras. Na quinta faixa, levanta-se lentamente e se dirige ao proscênio. A mesa se apaga. Os números projetados nas paredes se embaralham a tal ponto de não sabermos em que data estamos. Ao término do áudio:

Ator: - *Eu vivo um tempo de guerra, onde temos que lutar pelo óbvio. Presencio no meu dia-a-dia o horror e a baixeza do pensamento obscuro, caduco e vil; ao mesmo tempo em que cega, que cala, que ensurdece, sua vileza controla os braços, as pernas, flexiona os joelhos dos homens para que se rebaixem ao comando e à submissão dos déspotas, ao passo que também flexiona os seus joelhos em marcha contra seus irmãos. O que houve com a humanidade? Eu vivo num mundo onde o limite de tudo nos é dado ao nascer, cuja assinatura desse contrato*

irrevogável é a palmada que o médico nos dá. E o nosso choro primeiro é o arrependimento pela perda de nossa inocência ao entrarmos na roda-viva da vida. Vivemos? Todos os dias eu apago minhas diferenças para me submeter ao padrão, ao patrão, ao patriarcado; sou guiado pela brancura de homens imundos. Sou limitado, conduzido ao muro de fuzilamento: fim do caminho. Olho para trás e vejo que não vivi; que fui tão somente uma máscara de mim mesmo, um camelo, como tantos outros camelos por aí espalhados. O que ando fazendo da minha existência?

Ator: - (Para a projeção do ano de 2019 em suas costas) O que anda fazendo de mim?!

A mesa novamente se acende.

Off: - Tu deves!

Ator:- (Para a mesa) Cala a tua boca, dragão maldito!

Imediatamente se instaura um jogo de palmas por detrás do ator. São os Trabalhadores. Eles batem as mãos espalmadas em um só ritmo. Algo parecido com um trem e que, gradativamente, vai assumindo um tom volumoso e acelerado. Eles estão juntos e repetem as palavras *Amor Fati*, também conjuntamente. Um refletor num tripé na lateral esquerda ilumina parte dos seus rostos. O ator, ditado pela cadência das palmas, começa a se mover pelo espaço. Parece buscar algo cuja distância aumenta a cada passo seu. Depois de algum tempo, começa a correr e a sorrir, gargalhar, ficando cada vez mais leve pelo espaço. Aparenta ter convicção de que alcançará a coisa perseguida. O ritmo do jogo vai aumentando cada vez mais. O ator parece coreografar o espaço, como alguém que dissesse: - *Venham, dance comigo!*



Põe-se na ponta contrária dos Trabalhadores e corre em direção a eles. No momento em que está prestes a agarrar alguma coisa no ar, um dos trabalhadores coloca uma grande pedra sobre o ator. Ele para.

Tristão e Isolda (Prelúdio) – Richard Wagner.



(Clique duas vezes sobre o ícone)

(Pausa)

Ator: - (Citando Nietzsche, *Ecce Homo*, §1) “Para aquilo que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvidos”.

Um atrás dos outros, os Trabalhadores saem da luz em direção à porta.

Trabalhadores: - Somos animais de rebanho (Marcham).

No momento em que abrem a porta, ouve-se um tiro, como na primeira cena. Eles saem. O ator assume a antiga posição dos trabalhadores. O som se eleva. Sobre ele incide a mesma luz. Na parede, projeta-se a sombra de um homem com sua pedra. Quem é quem?

Black-Out. Fim da segunda cena e do primeiro ato.

TERCEIRA CENA

Ator: - (No escuro) Ensinar não equivale a transmutar aquilo que não nos pertence.

Abre cena. *Wolfgang Amadeus Mozart – Requiem: Introitus.* Os Trabalhadores retornam, cada um com sua pedra. Ao lado do ator, formam uma linha de produção. Executam movimentos repetitivos, trabalhando desesperadamente até estarem completamente cansados e suados. Transferem suas pedras uns aos outros. A ação vai ganhando contornos de luz que se acendem e apagam. Uma penumbra com grandes sombras se instaura, tornando o ambiente insalubre, apertado e estranho. Os trabalhadores estão agora desfigurados. Seus movimentos

se assimilam a clamores. O ator tem o ímpeto de se libertar. Com os punhos cerrados, soca a rocha com força, repetidamente. Suas mãos sangram. Seu movimento vai se tornando cada vez mais forte, compromissado e verdadeiro. Ele retira do bolso do operário ao seu lado um martelo e começa a despedaçar a pedra. Sobre os Trabalhadores, projeta-se a palavra ressentimento; e nos seixos que são trocados em cadência, paixões tristes.



(Clique duas vezes sobre o ícone)

Movimento	Letra	Tradução
Requiem Aethernam	<p><i>Requiem aeternam dona eis,</i> <i>Domine, et lux perpetua luceat eis.</i> <i>Te decet hymnus, Deus, in Sion,</i> <i>et tibi reddetur votum in Jerusalem:</i> <i>exaudi orationem meam,</i> <i>ad te omnis caro veniet.</i> <i>Requiem aeternam dona eis,</i> <i>Domine,</i> <i>et lux perpetua luceat eis.</i></p>	<p>Repouso eterno dá-lhes, Senhor, e que a luz perpétua os ilumine. Tu és digno de hinos, ó Deus, em Sião, e a ti rendemos homenagens em Jerusalém: Ouve a minha oração, diante de Ti toda carne comparecerá. Repouso eterno dá-lhes, Senhor, E que a luz perpétua os ilumine.</p>
Kyrie	<p><i>Kyrie eleison</i> <i>Christe eleison</i> <i>Kyrie eleison</i></p>	<p>Senhor, tende piedade. Cristo, tende piedade. Senhor, tende piedade.</p>

Ator: - Se houve um único cristão, este morreu na cruz!

Em *Off*, entra o áudio:



(Clique duas vezes sobre o ícone)

(Descrição do áudio):

Pastor Edir Macedo: - *Presidente Jair Bolsonaro, por favor, eu vou fazer uma oração. Venha Espírito Santo sobre ele para lhe dar sabedoria, a sabedoria que vem de ti, do alto, do trono do Altíssimo. Para que a partir de agora este país, meu Deus, venha ser transformado, ele tenha sabedoria, inteligência, ele tenha coragem, ele tenha ânimo, saúde, força, vigor para fazer deste país um novo Brasil, meu Pai. Porque essa é a nossa fé! Essa é a nossa fé, meu Pai! Nós o consagramos, Espírito Santo, para serviço de ti; e servir a ti, meu Pai, é servir a esta Nação. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo nós o fazemos com alegria e certeza da nossa fé, em nome do Senhor Jesus. Amém! E graças a Deus! Amém!*

(Aplausos).

Os Trabalhadores caem de joelhos e clamam como cordeiros.

Ator: - (Enquanto despedaça a pedra) Um dos piores efeitos de um governo fascista é criar uma sociedade à sua imagem e semelhança.

Áudio em Off. Os Trabalhadores replicam algumas das falas, como ecos. O ator bate na pedra com vigor:



(Clique duas vezes sobre o ícone)

(Descrição do áudio)

(Faixa 1)

O Coiso: - *Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também. Através do voto você não vai mudar nada nesse país. Nada! Absolutamente nada! Isso só vai mudar, infelizmente, quando um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil!*

(Faixa 2)

O Coiso: - *O afrodescendente mais velho de lá pesava sete arrobas (risos). Não Fazem nada! Eu acho que nem para procriadores servem mais.*

(Faixa 3)

O Coiso: - *Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola!*

(Faixa 4)

O Coiso: - *Agora, você de casa, contrataria um motorista gay para levar o seu filho na escola? Está na cara que não! Não gostaria de ter vizinho meu um casal homossexual morando ali, com meus filhos pequenos em casa. No meu tempo, era coisa rara você encontrar uma... gay (não tinha outro nome), uma bicha na rua, que era comum tu falar, né?... um veadinho. Se o filho começa a ficar meio assim, meio gayzinho, leva um 'couro', ele muda o comportamento dele.*

(Faixa 5)

O Coiso: - *Vamos fuzilar a petralhada...*

Ao término do áudio, o ator já conseguiu destruir toda a sua pedra, que agora é um farelo amarelo e minúsculo ao lado da santa cena dos Trabalhadores. Assentado sobre suas pernas, ele coloca-se frente ao quadro formado pelos trabalhadores. Tem as mãos ensanguentadas, como Cristo ao ser crucificado. Ele também unta os seus pés com sangue. E, deitado no chão como uma cruz, diz:

Ator: - Mãe, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!

O quadro formado à frente do ator se apaga ao som de um tiro, acendendo, imediatamente, um leve foco sobre o professor deitado. O ator ainda se veste como um professor (como é que um professor se veste?). A luz em resistência vai gradativamente se apagando até o black-out. Fim da terceira cena.

QUARTA CENA

Luz geral. Contornos épicos. O professor joga com o público.

Professor: - (Suave) Boa noite! Alguém poderia fazer a gentileza de vir me ajudar?

Aguarda até que alguém do público venha até ele. Caso a plateia se negue a ajudá-lo, ele será ainda mais incisivo. Podendo se valer, inclusive, de apelos à moral dos espectadores. A pessoa que se dispuser, auxiliará o professor a se levantar, colocando suas mãos nas dele. E, sendo pega de surpresa, sujará também suas mãos com o sangue.

Professor: - Porque tem meu sangue em suas mãos? (Sorri irônico).

Professor: - (Em direção à plateia) Porque têm meu sangue em suas mãos?!

(Silêncio)

Pede para a pessoa que lhe ajudou que se assente. Agradece. Retira do bolso um papel. Ele está dobrado em três. Lê para o público.

Bom dia, prezado!

Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, temos que apresentar aos alunos, de forma justa, isto é, com a mesma profundidade e seriedade, as principais versões, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.

(Para. O professor ironiza).

Professor: - A respeito de quê?

(Retoma a leitura).

Muito me preocupa a linha pela qual pretendem enveredar, já que a proposta é apresentar a visão de uma personalidade...

Professor: - A proposta não era apresentar a visão de uma personalidade.

(Continua)

... que viveu num determinado tempo e espaço (com um histórico de vida).

Professor: - (Ironizando) Até hoje eu nunca conheci alguém que não tenha VIVIDO num tempo e espaço determinados (e que não tenha um histórico de vida).

(Prossegue)

Não seria ideal apresentar outra visão?

(Revira os olhos)

“Liberdade” não se dá nas várias formas de enxergar o mundo?

Professor: - Uai, eu que pergunto! (?)

É necessário mostrar aos alunos outras referências para que eles entendam os debates e posições existentes em relação a determinado assunto.

Sinceramente achei muito sugestiva e ideológica a proposta do projeto.

Atenciosamente, FULANA.

(Guarda o papel no bolso).

Professor: - Quem me enviou esse e-mail, negando a execução de um projeto que tratava das desigualdades sociais por meio da análise das canções do Belchior, foi a mesma pessoa que pediu a um colega que ensinasse aos alunos as benfeitorias da ditadura militar no Brasil. O que, é claro, ele negou. Uma mulher branca, cristã, autoritária, classe média que acredita ser milionária. A mesma que se filia a candidatos políticos duvidosos e que ministra palestras contra as drogas, sejam elas lícitas ou não, quando até ontem vivia com o cigarro e a cerveja na mão. Ela, que defende a família e os bons costumes, mas que traía o marido no escritório em pleno expediente escolar. A mesma pessoa que, quando o MEC solicitou às escolas que os alunos cantassem o hino nacional, dissessem o lema que elegeu o nosso querido presidente e, piorando a situação, se filmasse tal absurdo, enfileirou os alunos na quadra, até que foi impedida por nós professores.

Professor: - (Noutro tom) Como é que um professor se veste? Trabalhando. Como é que um professor come? Trabalhando. E como é que um professor paga o aluguel? Trabalhando. Por que é que um professor e o seu trabalho oferecessem tanto risco a essas pessoas?...

(Muda o tom e a cadência)

Professor: - Minha carreira como educador começou como estagiário. Eu havia terminado o quarto período e estudava na PUC com bolsa integral. Necessitava de um salário para sobreviver. Eu trabalhava num colégio cristão (protestante), mas se engana quem acha que lá se podiam fazer protestos. Num mês eu era o estagiário e no outro eu era o professor titular da

disciplina. O motivo? Meu antigo colega, antes meu supervisor de estágio, e que era recém-contratado, reclamou que o material didático usado pela escola continha erros. Na verdade, supressão de certos pensadores e escolas filosóficas. Os chamados filósofos malditos. Só depois fiquei sabendo disso. Esse meu colega ministrava ao todo, e em diversas escolas, cinquenta aulas semanais. E vivia de um lado ao outro porque iria se casar e precisa juntar dinheiro, o que, vamos combinar, dando aulas de filosofia, seria realmente algo muito difícil. Quanto a mim, me tornei professor recebendo como estagiário e sem carteira assinada. Assim foi por um ano até que me contrataram oficialmente. Nessa escola, os filhos e as filhas das donas (que eram quatro) exerciam a função de professores e professoras com o famoso CAT (que é uma licença para se trabalhar a título precário). Emprego que era uma mentira na verdade, pois cada um dava apenas uma aula, como um “reforço” ao trabalho dos demais professores. O que verdadeiramente era uma desculpa para se saber o que andávamos ensinando.

(Irônico)

Professor: - Mas tudo bem, eles lutaram muito, eles ME-RE-CE-RAM tudo o que tinham. O que não era pouco.

(Retoma)

Professor: - Lá, aliás, era um reduto da espionagem. O serviço de inteligência dos EUA (se é que existe alguém inteligente naquele país) deveria realizar cursos com eles. Havia câmeras em todos os lugares, exceto nos banheiros, da sala de aula à sala dos professores. Nada passava despercebido naquela escola. Por diversas vezes, senti vontade de levar a turma inteira para o cagatório porque lá, pelo menos, as “cagadas” que eu fizesse ficariam a salvo dos olhos daqueles crentes. Ser professor muitas vezes é uma merda!

(Solta um riso nervoso)

Professor: - Mas vamos voltar ao que é importante. O espetáculo não pode parar (brinca). Depois de contar para vocês sobre todas essas mortes diárias, quem aqui teria a coragem de me matar? (Silêncio).

(Desafia o público)

Os Trabalhadores que estavam assentados no mesmo lugar em que executaram sua última ação, durante toda a fala do professor estavam comendo em suas marmitas. Um deles se

aproxima do educador e oferece a ele uma matula. Ao abri-la, o professor retira de dentro um revólver.

Professor: - (Como que continuando o que falava antes) Vocês viram, né, que já fui “oficialmente” morto duas vezes nessa peça. (?)

(Olha o público. Silêncio).

Professor: - Vamos, não sejam covardes! Às vezes, para se criar algo é necessário que se destrua tudo. (Pausa. Como que esperando uma resposta) Não se preocupem, quando os vivos não conseguirem mais lutar, os mortos lutarão!

(Silêncio)

Professor: - Ninguém? Tudo bem. Passemos agora ao último ato do nosso espetáculo.

Dá um tiro em sua própria cabeça. Cai. Os Trabalhadores choram. Fim do segundo ato e do contorno épico. *Black-out*. Som de chuva.

QUINTA CENA

É possível chover no deserto? (Dizem que os pavões trazem chuva quando são mortos, além de possuírem o poder da transmutação). Abre cena. Múltiplas vozes ocupam o espaço, realizando uma série de indagações. As vozes parecem vir de um lugar fechado e abafado, como um quarto escuro e solitário. Não há ninguém, nem nada no espaço, exceto uma mesa e uma cadeira escolar, bem no centro. Sobre elas há um foco. Na plateia uma luz bem fraca. O ator agora está assentado junto aos espectadores. Eles escutam o som da chuva em silêncio. O ator tem papéis em suas mãos. Assentado, distribui todos eles para o público. Ninguém diz nada. Toda a ação acontece como consequência de sua intencionalidade. Nas folhas, há o seguinte dizer:

LEIA AGORA E EM VOZ ALTA

O ator faz um breve sinal para que a pessoa ao seu lado comece a leitura. E assim, sucessivamente até que ela se propague como um vírus, munido de muitas vozes e em diferentes lugares do seguinte texto:

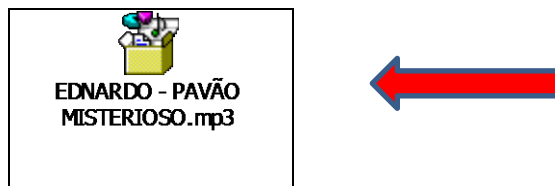
EU DEITO PELOS PROFESSORES CANSADOS

Chove desde ontem e eu tenho roupa para lavar. O meu quarto é o primeiro campo de guerra que enfrento logo cedo. Dos milhares campos de batalha em que estou inserido nos últimos tempos, o maior deles tem sido a minha cabeça: creio que precisaria de mais de setecentas para suportar tudo o que penso. Nesse mundo de farrapos em que vivemos, tento sobreviver como professor. Fazer algum sentido para os outros, para mim mesmo. Mas tenho andado muito cansado. Hoje, uma aluna do sexto ano me interrogou sobre o porquê eu lecionar filosofia. E completou: - Você fala demais. No sétimo ano, ouvi outra aluna dizer, enquanto revirava os olhos:- Quanto a filosofia vale para minha vida? No dia dezesseis de novembro, em comemoração ao Dia Mundial da Filosofia, a UNESCO lançou uma nota dizendo de sua importância como “uma prática cotidiana que pode transformar as sociedades”, além de ser o caminho para “construir uma sociedade mais tolerante e mais respeitosa”. Quando entrei na sala do terceiro ano do ensino médio, logo fui interrompido por um aviso “urgente” que vinha de fora. Penso que tudo é mais urgente do que uma aula de filosofia. Mas, num papel verde e quadrado, recebi de quatro alunas uma paçoca e um doce-de-leite com os seguintes dizeres: “Nós amamos você! Conte sempre com a gente”. Acho que ando visivelmente cansado. Minhas olheiras superaram minha alegria e minha educação. Lá pelas tantas, a diretora parou à minha porta, veio perguntar sobre a minha família. Tenho a ligeira impressão de que as pessoas desconfiam que algo terrível acontece em minha vida. No primeiro ano, líamos um texto da Lya Luft, “Pensar é Transgredir”. Enquanto eu questionava os alunos acerca de um trecho que dizia sobre a necessidade de questionarmos o que nos é imposto (sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez), eles permaneceram mudos. Então decidi explicar o texto por completo. Anotaram tudo fervorosamente. Educação de manada. Na última aula, a partir das onze horas e quarenta minutos, depois de cinco horários, falo aos meus alunos sobre Rubem Alves e do nosso desejo de que “seguindo-se o tempo em que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo em que se ensina o que não se sabe”. Vejo os seus olhos brilharem, tenho esperança. O sinal bate e eles, como bois tocados pelo grito do pastor de rebanho, saem correndo. No frenesi, vejo um objeto se aproximar do meu rosto: fui acertado por um apagador de quadro branco. – Oh! Desculpa, professor! Era para acertar o fulano. Saí do colégio com um lado da cara vermelho e dolorido, mas o que está doendo mesmo é essa minha mania em acreditar que dando aulas de filosofia conseguirei convencer aos outros e a mim de que tenho alguma serventia para este mundo caduco e vil...

Ps.: estou vendendo os meus livros.

Enquanto o texto é lido em voz alta pelo público, o ator, em silêncio, caminha até a mesa e a cadeira. Percebe que há sobre elas um pequeno caderno e uma caneta. Ele se assenta. Começa a escrever. Tudo indica que escreve o que a plateia lê, como que estivesse sendo lido pelos outros ou escrevendo tantos outros professores em seu caderno.

Quando a última voz se cala, cessa a chuva. *Pavão Misterioso – Ednardo:*



(Clique duas vezes sobre o ícone)

Aos primeiros toques do violão, antes de iniciar a letra da canção e seguindo a cadência da batida das cordas, o ator se levanta. E em tom gradativo, vai dizendo:

Ator: - não... não... Não... Não! Não! Não! NÃO! NÃO! NÃO! (de modo que o último “NÃO!” aparenta ser um rugido).

Os Trabalhadores entram em cena e vão em direção ao ator. Trazem em suas mãos fitas coloridas de cetim. A cada verso da canção, vão despindo o ator de seus trajes como professor e vão cobrindo o seu corpo com as fitas. O ator reluta, mas, em determinado momento, se disponibiliza para a ação que, apesar de parecer dolorosa, traz consigo, também, um ar triunfante e prazeroso.

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse teu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história
Eu tinha prá contar...*

*Pavão misterioso
Nessa cauda
Aberta em leque
Me guarda moleque*

*De eterno brincar
 Me poupa do vexame
 De morrer tão moço
 Muita coisa ainda
 Quero olhar...*

*Pavão misterioso
 Pássaro formoso
 Tudo é mistério
 Nesse seu voar
 Ai se eu corresse assim
 Tantos céus assim
 Muita história
 Eu tinha prá contar...*

*Pavão misterioso
 Pássaro formoso
 No escuro dessa noite
 Me ajuda, cantar
 Derrama essas faíscas
 Despeja esse trovão
 Desmancha isso tudo, oh!
 Que não é certo não...*

*Pavão misterioso
 Pássaro formoso
 Um conde raivoso
 Não tarda a chegar
 Não temas minha donzela
 Nossa sorte nessa guerra
 Eles são muitos
 Mas não podem voar...*

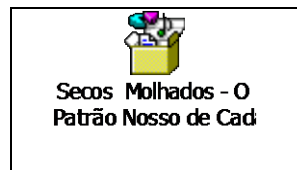
Ao término da canção, os Trabalhadores saem pela porta da qual não se ouve mais tiro algum.
 O ator está colorido e resplandecente no espaço. Ele canta suavemente:

*Me poupa do vexame
 De morrer tão moço
 Muita coisa ainda
 Quero olhar...*

Black-out. Fim da quinta cena.

CENA FINAL

Palco quase vazio. Exceto pela mesa e pela cadeira do ator que estão no mesmo lugar. Som: *O Patrão nosso de cada dia – Secos e Molhados*. Os Trabalhadores retornam lentamente. Agora são eles que estão vestidos como professores. Cada um traz consigo uma mesa e uma cadeira. Aos poucos e espalhados, os professores-trabalhadores vão ocupando o espaço ao redor da mesa e da cadeira vazias. Assentam-se. Cada um trabalha e sofre, confinado em seu mundo, seus papéis. No centro, a mesa e a cadeira vazias destoam de todo o resto. Todos os Trabalhadores se matam em cena.



(Clique duas vezes sobre o ícone)

*Eu quero o amor
Da flor de cactus
Ela não quis*

*Eu dei-lhe a flor
De minha vida
Vivo agitado
Eu já não sei se sei
De tudo ou quase tudo
Eu só sei de mim
De nós
De todo o mundo*

*Eu vivo preso
A sua senha
Sou enganado*

*Eu solto o ar
No fim do dia
Perdi a vida*

*Eu já não sei se sei
De nada ou quase nada*

*Eu só sei de mim
Só sei de mim
Só sei de mim*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia
O patrão nosso
de cada dia
Dia após dia*

Black-out. Foco sobre a porta.

O ator retorna vestindo o parangolé da primeira cena. Ele não está nem dentro, nem fora da sala, mas no marco da porta.

Ator: - (Citando Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, colagem de várias partes) “Estado é o nome do mais frio de todos os monstros gelados. Aliás, ele mente de uma maneira fria e a mentira que sai da sua boca é esta: “Eu, o Estado, sou o Povo”. Mentira! São destruidores aqueles que armam ciladas à multidão e chamam a isso Estado. Nele tudo é falso: morde com dentes roubados. Até as suas entranhas são falsas. Trata-se da invenção duma marcha infernal, dum cavalo de batalha da morte tilintando sob os arreios das honras divinas! De fato, é a invenção duma morte para a maioria, duma morte que se vangloria a si própria de ser a vida: na realidade, um serviço prestado a todos os pregadores da morte! Dou o nome de Estado ao lugar em que todos, bons e maus, gostam de veneno: Estado, o lugar em que todos, bons e maus, se perdem a si mesmos; Estado, o lugar em que o lento suicídio de todos se chama “a vida””.

Com as mãos, faz um gesto que transpassa a porta.

Ator: - (Citando Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, Do Novo Ídolo) “Olhai bem, portanto, meus irmãos, para onde termina o Estado! Não vedes o arco-íris e a ponte do Além-do-homem”?

Sinaliza para que o público o siga novamente até o corredor.

Enquanto as pessoas vão chegando, ouvem-se, repetidamente, ao longo do saguão, vozes que se misturam, dizendo a seguinte frase:

Off: - (Citando Lapoujade, O corpo que não aguenta mais, p. 82) *O que pode um corpo que não aguenta mais? O que pode um corpo que não aguenta mais? O que pode um corpo que não aguenta mais?*

Ao fundo, o ator picha a parede:

A FILOSOFIA SERVE PARA NÃO SERVIR

Vira para o público. Fica de cócoras. Tem aos seus pés a história da filosofia contada no parangolé. Mostra para as pessoas. Reconta a história.

Ator: - Mente aquele que diz que a filosofia nasce no ocidente. Muitos séculos antes dos pré-socráticos, no oriente já se fazia filosofia. Ao contrário das filosofias e dos pensadores orientais, os filósofos do poente quase sempre colocaram a filosofia a serviço da baixeza dos seus interesses, por mais nobres que fossem suas causas. A razão não está acima de qualquer impulso. Pelo contrário, ela mesma o é, opostamente ao que preconizaram alguns soberbos na história do mundo. O mundo, esse todo fechado, como, aí sim, certamente disseram os gregos. Belíssimo entendimento que foi desvirtuado pelos cristãos medievos quando, estes, criaram a criação e fizeram da filosofia uma mera serva da teologia. Daí surge então a duplicação de mundos, essa mentira inúmeras vezes contada até que se tornou a verdade, a salvação e a vida. Platão foi então batizado por Santo Agostinho. O tempo passou, muita gente morreu pelas mãos da santa inquisição que não poupava nem mesmo os seus, como é o caso de Giordano Bruno, um frade dominicano que acabou na fogueira por defender as ideias de Copérnico, o homem que superou o modelo ptolomaico; espírito dúbio que transitava entre a revolução e a resignação imposta pelo peso de sua formação cristã. Depois veio Galileu, o criador do telescópio e o pai da ciência moderna, aquele que confirmou em vida e abjurou perante o Santo Conselho da Igreja a teoria heliocêntrica.

Ajoelha-se. Dirige-se ao público com pesar.

Ator: - (Citando Galilei, cerimônia de abjuração pública em 22 de junho de 1633) *Eu, Galileu, filho do falecido Vincenzo Galilei, florentino, de setenta anos de idade, intimado pessoalmente à presença deste tribunal e ajoelhado diante de vós, Eminentíssimos e Reverendíssimos Senhores Cardeais Inquisidores-Gerais contra a gravidade herética em toda a comunidade cristã, tendo diante dos olhos e tocando com as mãos os Santos Evangelhos, juro que sempre acreditei que acredito, e, mercê de Deus, acreditarei no futuro, em tudo quanto é defendido, pregado e ensinado pela Santa Igreja Católica e Apostólica. Mas, considerando que (...) escrevi e imprimi um livro no qual discuto a nova doutrina já condenada e aduzo argumentos de grande força em seu favor, sem apresentar nenhuma*

solução para eles, fui pelo Santo Ofício acusado de veementemente suspeito de heresia, isto é, de haver sustentado e acreditado que o Sol está no centro do mundo e imóvel, e que a Terra não está no centro, mas se move; desejando eliminar do espírito de Vossas Eminências e de todos os cristãos fiéis essa veemente suspeita concebida mui justamente contra mim, com sinceridade e fé verdadeira, abjuro, amaldiçoo e detesto os citados erros e heresias, e em geral qualquer outro erro, heresia e seita contrários à Santa Igreja, e juro que no futuro nunca mais direi nem afirmarei, verbalmente nem por escrito, nada que proporcione motivo para tal suspeita a meu respeito.

Ator: - (Irônico) *Eppur si muove!*

Ator: - Condenado por heresia, foi preso em sua própria casa, onde passou o resto de sua vida. Somente em 1822 que a igreja admitirá, pela primeira vez, a teoria heliocêntrica. Brecht escreve uma peça sobre ele: *Galileu Galilei*. No ano de 1992, 350 anos após a morte de Galileu, a igreja admitirá, na figura do Papa João Paulo II, que o filósofo da ciência, baseado nas teorias de Copérnico, estava certo. Giordano Bruno jamais foi redimido, como tantos outros, séculos à frente, em sua maioria mulheres, indígenas, povos escravizados ou qualquer outra personagem à margem da construção branca, masculina, etnocêntrica e colonial que fizeram do ocidente o centro do mundo. E a história da filosofia até o presente, com raras exceções, foi uma eterna repetição dos princípios aristotélicos de identidade, não contradição e terceiro excluído, os princípios mais cristãos já escritos por um não cristão (risca o tecido onde antes se estampava a linha do tempo).

Põem-se de pé. Caminha para o meio do corredor com sua grande saia. À medida que passa, a plateia vai se afastando. Muda o tom.

Ator: - A dança de uma criança é um instante que concentra ao mesmo tempo força e fragilidade. Seu embate direto com o mundo é a efetividade do seu extermínio. A filosofia ao se debater consigo mesma quase sempre se mata. Ela é, portanto, e ao mesmo tempo, morte e vida.

Encara o público, anunciando em tom desafiador.

Ator: - Se isto é só uma peça, é preciso jamais acreditar que “um espaço liso basta para nos salvar” (Citando Deleuze e Guattari, *Mil Platôs* v. 5, p. 214).

O que Foi Feito Devera – Elis Regina e Milton Nascimento. O ator lentamente retira o parangolé. Fica nu, como uma criança que acabara de nascer. Sozinho, ele dança. Aos poucos, vai convidando o público para a festa, primeiro uma pessoa, com quem dança quase todo o tempo, depois duas, três, quatro... Até que todos estejam dançando. Tem a respiração profunda. Ele chora de alegria. Deita no chão. As pessoas dançam entorno do seu corpo. Deus está morto!

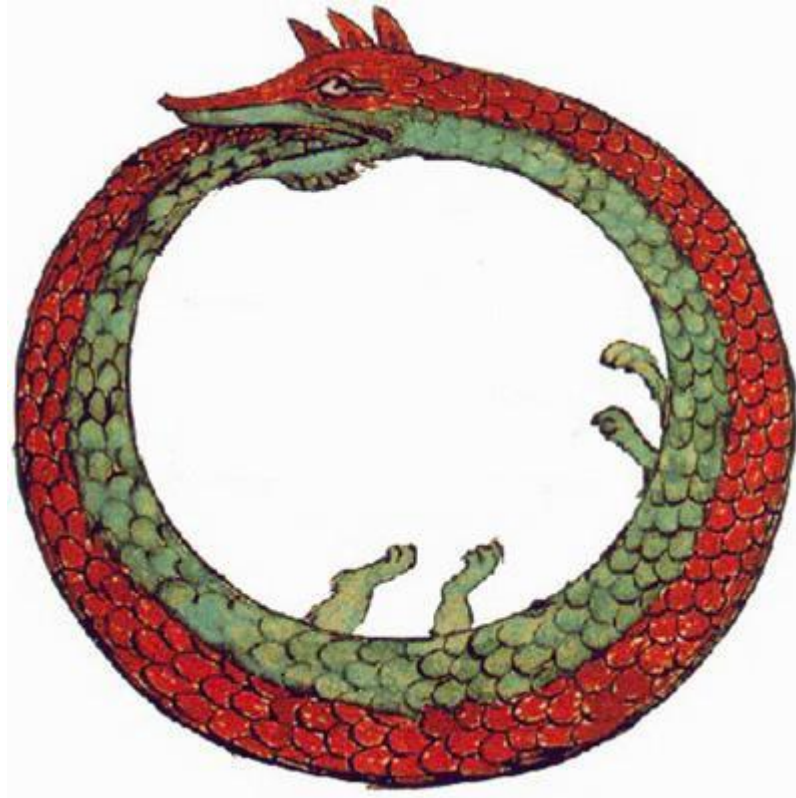


*O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou
O que foi feito da vida, o que foi feito do amor
Quisera encontrar aquele verso menino
Que escrevi há tantos anos atrás
Falo assim sem saudade, falo assim por saber
Se muito vale o já feito, mais vale o que será
Mas vale o que será*

*E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir
Falo assim sem tristeza, falo por acreditar
Que é cobrando o que fomos que nós iremos crescer
Nós iremos crescer, outros outubros virão
Outras manhãs, plenas de sol e de luz
Alertem todos alarmas que o homem que eu era voltou
A tribo toda reunida, ração dividida ao sol
E nossa Vera Cruz, quando o descanso era luta pelo pão
E aventura sem par
Quando o cansaço era rio e rio qualquer dava pé
E a cabeça rolava num gira-girar de amor
E até mesmo a fé não era cega nem nada
Era só nuvem no céu e raiz
Hoje essa vida só cabe na palma da minha paixão
Devera nunca se acabe, abelha fazendo o seu mel
No pranto que criei, nem vá dormir como pedra e esquecer
O que foi feito de nós*

Ao fundo, projeta-se:

**SE A VIDA NÃO PUDER ME TRAZER A FELICIDADE, QUE ELA ME TRAGA O
TORMENTO. EU A AMO MESMO ASSIM.**



Black.-out. Som de chuva.

UM MANIFESTO PARA O PORVIR

Deserto. O homem diante de si e do mundo. Trabalho. A areia a se perder de vista é metáfora dura da vida do operário que sonha, mas nunca alcança. Exaustão. De dia o calor, à noite o frio, o desamparo. A luta cotidiana pela vida: Wagner, Luizinho, Eneida, Maria. Nós, professores, existências severinas.

De que valem os esforços humanos para sobreviver, se nossa sobrevivência é quase como a morte? A dignidade passou ao longe de nossa suspeita profissão; clandestinidade do conhecimento num país que era para ser laico. Nossos desertos se estendem ao céu, ao alto, montes e morros de areia, não palácios suntuosos como o Templo de Salomão, mas barracos de lonas e braços, de lamento e dor.

Na escola, um professor chora esgotado. O que decidiu fazer da sua vida?! Autobiografia de mais um. De todos. Quebra em prantos dos silêncios defuntos em nosso peito. O sepulcro ritual de cada dia. Retrato de um ser perdido entre seus afazeres e angústias, homem moderno, periférico e microscópico, operário descrito no poema de Vinícius. Peregrinações secas de um eterno porvir sem lugar, caminhos de aridez e fome, digladiar constante entre a nossa subjetividade e a objetividade do mundo. Contagem do tempo que transcorre silencioso sem se dar conta de nós.

Mas pode o operário dizer “NÃO!”, e se dar conta do tempo, constatando que ainda há vida em tempos de morte? De o paradoxal perecer de sua vitalidade: nascer, deixar de ser ‘Ser-para’ a morte no lugar-comum que direciona o seu olhar, condiciona suas mãos na repetição infundável dos dias, das horas, dos três apitos para levantar, comer, urinar, fumar e repetir? No mercado que se autorregula? Na suposta humanidade que gira ao tilintar das moedas? No jogo de cara ou coroa onde quase ninguém tira a sorte grande?

Boca seca e silenciosa, testa suada, permissão para existir. Quem comanda os caldeirões de derretimento do ferro que servirão de matéria prima para o revólver que apontam contra nós? E quanto ao fogo que faísca o tiro, quem o acende? E quanto aos portões da fábrica, quem os abrem? QUEM VIGIA O VIGIA?

Por a vida ser um processo instável, uma luta constante, combate entre nossos impulsos, passamos da criação de possibilidades à impossibilidade de criação, e desta última à possibilidade de tudo, porque o *acontecimento*, esse algo tão perseguido por nós, foge ao planejado e, sobretudo, ao planejar. Porque mais do que a realização de algo, o *acontecimento* é criação de nova possibilidade. Ele não é uma proposta revolucionária universal, mas, sim,

um devir-revolucionário, marcado por nossa presença num presente instável, essa ética que afirma a vida como ela é e supera o niilismo.

Ou seja, trata-se de mostrar como a superação do niilismo só é possível mediante um *ato produtivo* do homem, ou ainda através de uma ação artística. Se o mundo em si já não tem sentido, deve-se dar-lhe um novo por meio de um ato criador (GUERVÓS, 2018, p. 13-14).

Portanto, o niilismo é a expressão máxima do homem que quer superar a si mesmo. Por isso que ele “não pode ser superado de fora de seu próprio ponto de vista, mas deve ser superado desde dentro e somente por alguém que o vivenciou: isso só é possível mediante fazer de si mesmo uma obra de arte” (GUERVÓS, 2018, p. 11).

Uma tarefa sempre difícil: diferenciar-se de si mesmo. O que não pode ser entendido apenas a partir de uma perspectiva marxiana, como tomar consciência de algo, mas como algo que, inevitavelmente, nos escapa, pois, mesmo com todos os seus dispositivos de captura da vida, os poderes existentes não são totalmente absolutos, algo sempre lhes escapa. A isto, estas linhas de fuga, chamamos de microrrevoluções: colocar sob suspeita nossa maneira de pensar, instaurar outra maneira de sentir e agir, criar novos fluxos, até que tudo seja capturado e tenhamos que começar tudo de novo. É dessa constante insistência em resistir, (re)existir, em diferenciar-se de si mesmos que vivem os professores, os artistas e os filósofos.

Precisamos, mais do que nunca, abandonar o quadro pintado a óleo de nossas imagens, os incipientes estereótipos que nos circundam, e assumir a metamorfose da criança. O menor, ao contrário do que nos fez crer o capitalismo, que é sempre maior do que o maior. Expurgando o livre mercado formatador da existência no mundo em que vivemos, que nós, dissidentes, essa “tribo no deserto”, criemos nossa própria língua, uma língua menor dentro de uma língua maior. E que no nosso vocabulário não exista a palavra *covardia*, mas, se ela ousar existir, que seja nos olhos daqueles que subjagam a vida à morte. Que sejamos caos e desordem! Que sejamos crianças criando, colhendo, dançando e festejando frente aos abismos! Que sejamos alegria, vigor, ternura! Que sejamos a água do rio descrito por Heráclito, esfriando as fomalhas que massacram e prendem o homem comum na teia do desespero! Que façamos da palavra *servir* não nossa condescendência com o que é vil e injusto, mas um verbo a favor das minorias. Criar ou perecer! Desobedecer! Não performar o prazer, não fingir o gozo!

Somente juntos desmembraremos o fantástico corpo do tirano, com os seus milhões de olhos que nos vigiam, mãos que nos enforcam e pés que nos esmagam. Reivindicamos, em

nome das bonitezas da existência, a transgressão: o direito a sermos o que somos: movimento! Renegamos a privatização dos nossos desejos! E conclamamos a vida como nossa bandeira!

À morte em vida dizemos: - NÃO! Dizemos “SIM!” às humanidades! Rechaçamos as instituições financeiras, os bancos, seus banqueiros e o capital, a tentativa de transformação dos nossos corpos em serviços!

Se a nossa sobrevivência como artistas e professores, como professores-artistas, é quase como a morte, que façamos do sacrifício que nos impingem um elogio à vida. Que sejamos vaga-lumes a lembrar ao mundo as belezas que existem, a acender a justa revolta contra aqueles que nos destituem de nossa grandeza, pois somos muitos. Que cada pessoa que veja nossa pequena luz possa por ela se afetar. Nossos corpos no chão são sementes que florescem debaixo da terra e se capilarizam por todo o mundo. Somos grupelhos, espalhados por aí, polinizando e germinando outro presente, como um vírus que se espalha pela disseminação de nossas ideias, nossos corpos, nossas lutas. Que nossa simples presença seja motivo de estremecimento das estruturas que sustentam as desigualdades e as desventuras! Que nossas palavras em cena, no palco, nas salas de aula e na rua sejam a manifestação genuína de uma multidão! Que um corpo caído se torne milhões de corpos vivos! E que nos entreguemos a esse destino inevitável que nada tem a ver com uma salvação para além deste mundo, pois nossas verdades são múltiplas e não são dadas. Que possamos entender que o “saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar” (FOUCAULT, 1996, p.27) e que, por isso, a história que perseguimos

não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, obstina-se em dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as descontinuidades que nos atravessam. Porque nossa identidade, bem frágil, que tentamos assegurar e reunir sob uma máscara, não passa de uma paródia: o plural a habita, inumeráveis almas nela disputam; sistemas se entrecruzam e dominam uns aos outros. Quando estudamos a história não podemos nos sentir felizes, mas, sim, tristes, porque não abrigamos em nós uma alma imortal, mas muitas, muitas almas e todas elas terrivelmente mortais (FOUCAULT, 1996, p. 32).

É por esse mesmo motivo que a filosofia serve para não servir, serve para entristecer, porque

A filosofia não serve nem ao Estado, nem à Igreja. Não serve a nenhum poder estabelecido. Uma filosofia que não entristece a ninguém e não contraria ninguém, não é uma filosofia. A filosofia serve para prejudicar a tolice, faz da tolice algo de vergonhoso. Não tem outra serventia a não ser a seguinte: denunciar a baixaza do pensamento sob todas as suas formas. Denunciar, na mistificação, essa mistura de baixaza e tolice que forma tão bem a espantosa cumplicidade das vítimas e dos algozes. Fazer, enfim, do

pensamento algo agressivo, ativo, afirmativo. Fazer homens livres, isto é, homens que não confundam os fins da cultura com o proveito do Estado, da moral, da religião. Vencer o negativo e seus altos prestígios. Mas, certamente existe uma mistificação propriamente filosófica; a imagem dogmática do pensamento e a caricatura da crítica são testemunhos disso. Mas a mistificação da filosofia começa a partir do momento em que esta renuncia a seu papel [...] e faz o jogo dos poderes estabelecidos, quando renuncia a contrariar a tolice, a denunciar a baixaza (DELEUZE, 1987, p. 87).

Hoje, por meio desta dissertação, denunciemos a tolice e a bizarria de nossos tempos, que seriam ainda piores caso não houvesse a filosofia e a arte para combatê-las. Denunciemos também a tentativa de mistificação da própria filosofia e da arte, representadas por ministros e pastas ministeriais sem qualquer valor. Nesse instante, expressamos nosso esperar num futuro que já é presente, pois sua presença se manifesta em nossa coragem em assumir o risco de um voo luminoso de vaga-lume, esse devir-animal de muitas potências.

Diferentes corpos se juntam contra o dragão do “tu deves!”. E quão bonito é um corpo a dizer “NÃO!” a esse monstro! Nossas vozes também são os nossos corpos. E elas vêm de muitos lugares, ecoando nos ouvidos de quem ousa ouvir e se atreve a conhecer, num estrondoso “ESTAMOS VIVOS!”. Eu posso ouvi-las. Você pode? Hoje, neste instante, dançamos e nos animamos ao som dessas palavras e fazemos delas nossa carne, nosso sangue, nossa luta. Colhemos e festejamos nossa colheita, nós, artistas, professores e filósofos, Trabalhadores insurrectos e imorredouros de outros tempos em tempo-agora. Contrariamos a mortificação em nossos dias com alegria, pois somente ela é capaz de favorecer nossa potência. Sim, é preciso revidar e combater com alegria os dispositivos que insistentemente nos capturaram e furtam de nós a vida, pois nenhum desses poderes, e suas engenharias, são irrestritos, incondicionais ou plenos frente à irreduzível vontade de libertação de um grito de desobediência:

Se as sociedades persistem e vivem, isto é, se os poderes existentes não são “completamente absolutos”, é porque, para alguém de qualquer submissão ou coerção e para além das ameaças e das intimidações, existe a possibilidade daquele momento em que a vida não pode mais ser comprada, quando não há nada que as autoridades possam fazer e quando, enfrentando a força e as metralhadoras, as pessoas se revoltam. As insurreições pertencem à história. Mas, de certa forma, lhe escapam. O movimento com que um só homem, um grupo, uma minoria ou todo um povo diz: “Não obedeco mais”, e joga na cara de um poder que ele considera injusto o risco de sua vida – esse movimento me parece irreduzível. Porque nenhum poder é capaz de torná-lo absolutamente impossível: Varsóvia terá sempre seu gueto sublevado e seus esgotos povoados de insurrectos. E porque o homem que se rebela é em definitivo sem explicação, é preciso um dilaceramento que interrompa o fio

da história e suas longas cadeias de razões, para que um homem possa, “realmente”, preferir o risco da morte à certeza de ter de obedecer. Não estou de acordo, contudo, com quem diz: “É inútil para você revoltar-se; sempre vai dar no mesmo.” Não se deve dar ordens àqueles que arriscam suas vidas diante de um poder. Revoltar-se é ou não um direito? Deixemos a questão em aberto. As pessoas se revoltam; isso é um fato. E é assim que a subjetividade (não a dos grandes homens, mas a de qualquer um) é trazida para dentro da história, conferindo-lhe vida. Um condenado põe em perigo sua vida para protestar contra punições injustas; um louco não pode mais suportar ser confinado e humilhado; uma pessoa recusa o regime que a oprime. Isso não faz do primeiro inocente, não cura o segundo e não assegura ao terceiro o amanhã prometido. Ademais, ninguém é obrigado a ajudá-los. Ninguém é obrigado a declarar que essas vozes confusas cantam melhor do que as outras e falam a verdade. É suficiente que elas existam e que tenham contra si tudo que está determinado a silenciá-las até que haja um sentido em ouvi-las e em prestar atenção ao que querem dizer. Uma questão de ética? Talvez. Uma questão de realidade, sem dúvida. Todos os desencantos da história não alterarão a verdade: é por causa de tais vozes que o tempo dos seres humanos não tem a forma de uma evolução, mas sim, precisamente, de uma “história” (FOUCAULT, 1979, p. 77).

Se somos um, já somos uma multidão. Somos brasileiros. Um povo cuja história foi forjada através de sangue e injustiça, mas também através de lutas e resistências. Como resquício desse passado nessa terra onde tudo que se planta floresce, colhemos, muitas vezes, as lacunas e as dores, a exploração e a miséria, o horror e o infortúnio, mas, também colhemos a força e a dança de todo um povo. Passamos uma vida no deserto em plenos trópicos e com ela aprendemos desde cedo a abater a caça, a xaxar o roçado, a nos despir de todo o cansaço e a esperançar, dia após dia, um outro tempo. Corre em nossas veias o sangue de toda essa gente. E porque devemos a nós mesmos, que também somos eles, é que decidimos criar discontinuidades e plantar nossa geografia, sempre em movimento de diferenciação de si mesma, tal como o é o espírito de toda criança. Se, apesar de nós, os interesses do poder se encarregaram de transformar o Brasil em uma sociedade estruturalmente autoritária, hierárquica, desigual e violenta, hoje, apesar deles, sairemos às ruas, transbordados de alegria e revolta. Alegria por sermos o que finalmente somos. Revoltados porque o destino, não aquele que nos é dado, mas o que afirma as coisas como são, não pertence aos fracos. Fracos são aqueles que não se deixam afetar por coisa alguma, nem sequer pelas injustiças que lhes sondam.

Minha ética teórica, portanto, propõe a perseguição “a todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos rodeiam e nos esmagam até aquelas formas pequenas que fazem a amena tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 2006b, p. 233). O discurso aqui instaurado pretendeu, da primeira a última página, a criação de uma zona autônoma temporária, na qual, ainda que de maneira efêmera, quem a perscrutasse pudesse comungar

com o nosso bando de uma proposta irônica de sabotagem ao modo como fazemos e pensamos filosofia, hoje, no Brasil, capturados pelas instituições que favorecem sempre o domínio do seu poder sobre nós. É também um modo alegre que encontramos para lidar contra as paixões tristes que fazem da academia e dos ambientes de ensino, também, um espaço de reprodutibilidade da conduta capitalista.

Como professores e artistas, constantemente temos que mudar nossas estratégias, partilhar redes de informação, nos deslocar de nós mesmos, em suma, criar novas possibilidades frente ao nosso extermínio. Educar não é tarefa fácil quando, em sua maioria, tudo que conhecemos como “educação” não passa de uma mentira bem contada, um engodo de domesticação de nossas forças. Como então resistir a toda essa farsa? Não temos a resposta, é claro, mas o que podemos dizer é que diariamente ensaiamos novas maneiras, exercitamos novas saídas, corremos o risco de um novo “fracasso”. Entretanto, o que importa realmente a nós, dissidentes, é saber que, no cenário mórbido do mundo em que vivemos, não estamos do lado daqueles que “vencem”. E isso, por si só, já é toda uma ética.

Uma escolha simples, um trabalho difícil: pois é preciso ao mesmo tempo olhar de perto, um pouco sob a história, o que a fende e a agita, e se manter atento àquilo que incondicionalmente a limita. Afinal, este é meu trabalho; não sou o primeiro nem o único a realizá-lo. Mas é o que escolhi (FOUCAULT, 1979, p. 81).

EPÍLOGO

O pesquisador se despede da trama que engendrou por dois anos. Não tem certezas sobre o amanhã, entretanto, sabe que fracassou miseravelmente ao escrever esta dissertação.

Redescobrir – Gonzaguinha

Como se fora a brincadeira de roda

Memória!

Jogo do trabalho na dança das mãos

Macias!

O suor dos corpos, na canção da vida

Histórias!

O suor da vida no calor de irmãos

Magia!

Como um animal que sabe da floresta

Memória!
Redescobrir o sal que está na própria pele
Macia!
Redescobrir o doce no lamber das línguas
Macias!
Redescobrir o gosto e o sabor da festa
Magia!

Vai o bicho homem fruto da semente
Memória!
Renascer da própria força, própria luz e fé
Memórias!
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós
História!
Somos a semente, ato, mente e voz
Magia!

Não tenha medo meu menino povo
Memória!
Tudo principia na própria pessoa
Beleza!
Vai como a criança que não teme o tempo
Mistério!
Amor se fazer é tão prazer que é como fosse dor
Magia!

Como se fora a brincadeira de roda
Memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos
Macias!
O suor dos corpos na canção da vida
Histórias!
O suor da vida no calor de irmãos
Magia!

Como se fora a brincadeira de roda
Memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos
Macias!
O suor dos corpos na canção da vida
Histórias!
O suor da vida no calor de irmãos
Magia!

*Como se fora a brincadeira de roda
Memória!
Jogo do trabalho na dança das mãos
Macias!
O suor dos corpos na canção da vida
Histórias!
O suor da vida no calor de irmãos
Magia!*

*Como se fora brincadeira de roda
Jogo do trabalho na dança das mãos
O suor dos corpos na canção da vida
O suor da vida no calor de irmãos*

*Como se fora brincadeira de roda
Jogo do trabalho na dança das mãos
O suor dos corpos na canção da vida
O suor da vida no calor de irmãos*



INTERCESSORES

BARBA, Eugenio. A Essência do Teatro. **Ephemera**, v. 1, n. 1, p. 7-22, dez. 2018.

DELEUZE, G. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução: Antônio M. Magalhães. Portugal: Rés, 1987.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 3ª reimpressão – 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

DUBATTI, Jorge. Conexões: Entrevista com Jorge Dubatti. **Cena**, n. 10, p. 2- 9, 2011.

EDNARDO. **Pavão Misterioso**. São Paulo: RCA, 1974. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7GaYn5MnIDI>. Acesso em: 12 de jan. 2020.

ESTUDOS SOBRE A CIÊNCIA. In: **Objectos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Edições Afrontamento e autores, 2008.

FIGUEIREDO, Ricardo Carvalho de. O lugar da docência e do teatro na escola. **Urdimento**, v.1, n.26, p.370 - 379, Jul. 2016.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. 12.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

FOUCAULT, Michel (2004). **É inútil revoltar-se?** In: Ditos e escritos, v. 5. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979, p. 77-81.

FOUCAULT, Michel. Introdução à vida não fascista. **Comunicação & Política**, v. 24, n. 2, p. 229-233, 2006b.

GALILEU. Galilei. **O Ensaaiador**. Abril Cultural, São Paulo, 1983.

GASPAR, Mônica; ARAUJO, Maria de Fátima; PASSEGGI, Conceição. Memorial – gênero textual autobiográfico. In: SIGET – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS, VI, Natal, 2011, **Anais...** Natal: SIGET, 2011. p. 01-13.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. O antiniilismo estético e a superação do niilismo. **Cad. Nietzsche**. Guarulhos/Porto Seguro, v.39, n.3, p. 11-29, setembro/dezembro, 2018.

KANT, I. **Crítica da razão prática**. Lisboa: Edições 70, s/d (adaptado).

LAPOUJADE, David. **O corpo que não aguenta mais**. In: Nietzsche e Deleuze: que pode o corpo. Lins, Daniel e Gadelha, Silvio (orgs.). Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

LATOURETTE, Bruno. COMO FALAR DO CORPO? A DIMENSÃO NORMATIVA DOS MOZART, W. A. **Requiem Mass in D Minor**. Áustria: 1791. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sPlhKP0nZII>. Acesso em: 12 de jan. 2020.

NASCIMENTO, M. REGINA, E. **O Que Foi Feito Devera**. São Paulo: 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rYyGje7Wnl4>. Acesso em: 20 de jan. 2020.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim Falou Zaratustra**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PARANGOLÉ . In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3653/parangole>. Acesso em: 17 de dez. 2019. Verbete da Enciclopédia.

PARNET, Claire; DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

PELBART, Peter pál. A terra, a guerra, a insurreição. **Revista Eco Pós**. v.18, n.2, p. 161-170, Mai. 2015.

REIS, Ricardo. Poemas de Ricardo Reis. Fernando Pessoa. (Edição Crítica de Luiz Fagundes Duarte.) Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994, p. 182.

SAMPAIO, Sérgio. **Eu Quero é Botar Meu Bloco na Rua**. São Paulo: Philips, 1973. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rsiAN__ii7E. Acesso em: 03 de jan. 2020.

SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SECOS & MOLHADOS. **O Padrão Nosso de Cada Dia**. São Paulo: Continental, 1974. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7nEf7qDskUc>. Acesso em: 03 de jan. 2020.

SOUZA, Elizeu. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida e formação. **Revista Educação em Questão**. Natal/RN: EDUFRRN, v. 25, n.11, jan./abr. 2006.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

WAGNER, Richard. **Tristão e Isolda**. Lucerna: Breitkopf & Hartel, 1859. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-quoaiog2UA>. Acesso em: 07 de jan. 2020.

ZOURABICHVILI, François. **Deleuze: uma filosofia do acontecimento**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2016.

REFERÊNCIAS OUTRAS

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. **Nietzsche À Travers Ses Oeuvres**. Paris: Grasset, 1992.

ASPIS, Renata. **PERCURSOS DE UMA PESQUISA - Fazer filosofia na rua com o corpo: experimentações em resistência**. 2018. 133 f. (Pós-doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2018.

ASPIS, Renata Lima. CRIAR SAÍDAS E UM ENSINO DE FILOSOFIA. **ETD – Educ. Tem. Dig.**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 199-215, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/1247>>. Acesso em: 01/05/2019.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **Ensino de Filosofia e Resistência**. 2012. 204 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo. 2012.

ASPIS, Renata Pereira Lima. Ensino de filosofia e cidadania nas “sociedades de controle”: resistência e linhas de fuga. **Pro-posições**, Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 89-105, jan./abr. 2010.

ASPIS, Renata Pereira Lima. Pensamento sem margens e formação como de-formação. **Linha Mestra** (Associação de Leitura do Brasil), v. 24, p. 2853-2856, 2014.

ASPIS, Renata Pereira Lima. Um ensino de Filosofia e Resistência Política e (Des) Governamentalidade e Sub-versões. **Educação em Revista** (UNESP. Marília), v. 12, p. 169-180, 2011.

ASPIS, Renata Pereira Lima. Notas Esparsas Sobre Filosofias da Diferença e Currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 429-439, set./dez. 2016.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: editora 34, 1997.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010.

DUBATTI, Jorge. O Teatro Como Acontecimento Convivial: uma entrevista com Jorge Dubatti. **Urdimento**, v. 2, n. 23, p. 251-261, dez. 2014.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

GASPAR, Mônica; ARAUJO, Maria de Fátima; PASSEGGI, Conceição. Memorial – gênero textual autobiográfico. In: SIGET – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS, VI, Natal, 2011, **Anais...** Natal: SIGET, 2011. p. 01-13.

HAKIM, Bey. **TAZ: zona autônoma temporária**. São Paulo: Conrad, 2011. Tradução de Renato Resende.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: SOUZA, José Cavalcante de. (Org.) **Os Pré-Socráticos: fragmentos, doxografia e comentários**. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

KENSKI, V. M. Sobre o conceito de memória. In FAZENDA, I. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas Sobre a Experiência e o Saber da Experiência, na escrita e na vida. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Trad. Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

PARNET, Claire; DELEUZE, Gilles. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

PELBART, Peter pál. **O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento**. São Paulo: N-1 Edições, p.345, 2013.

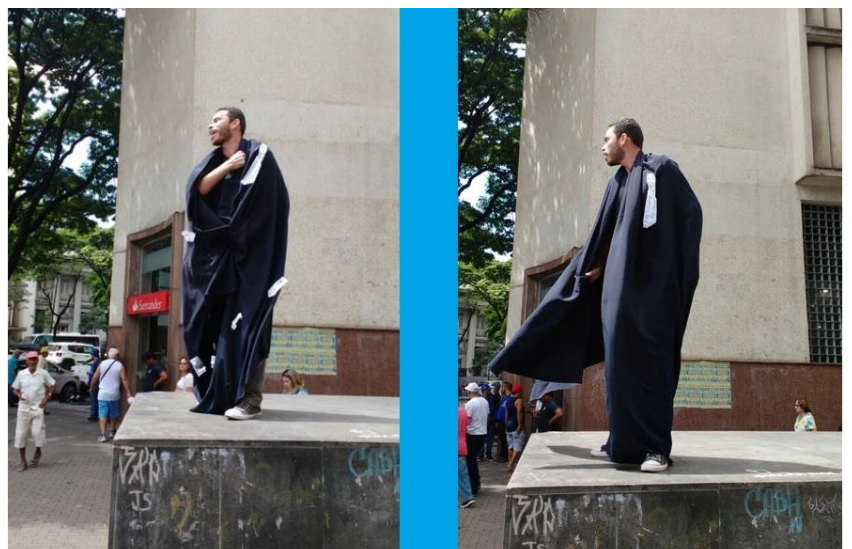
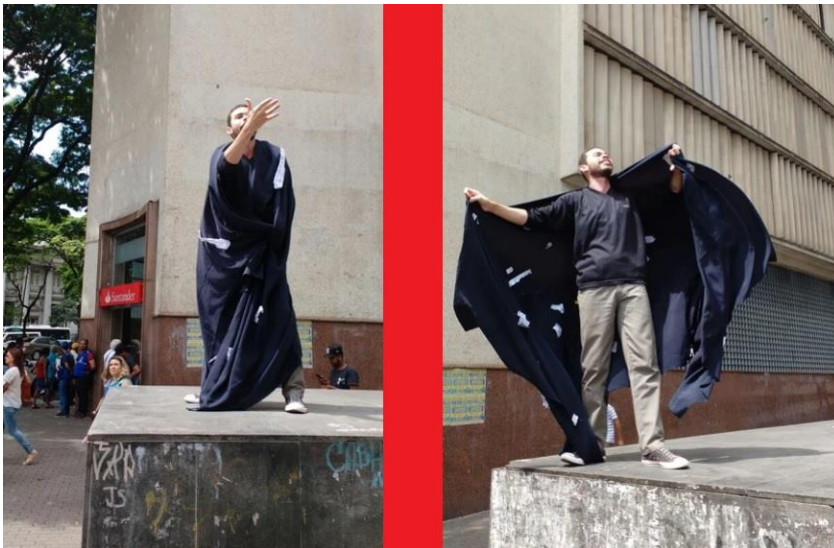
SCHOPKE, Regina. **Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SCHÜLLER, Donaldo. **Heráclito e seu (dis)curso**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

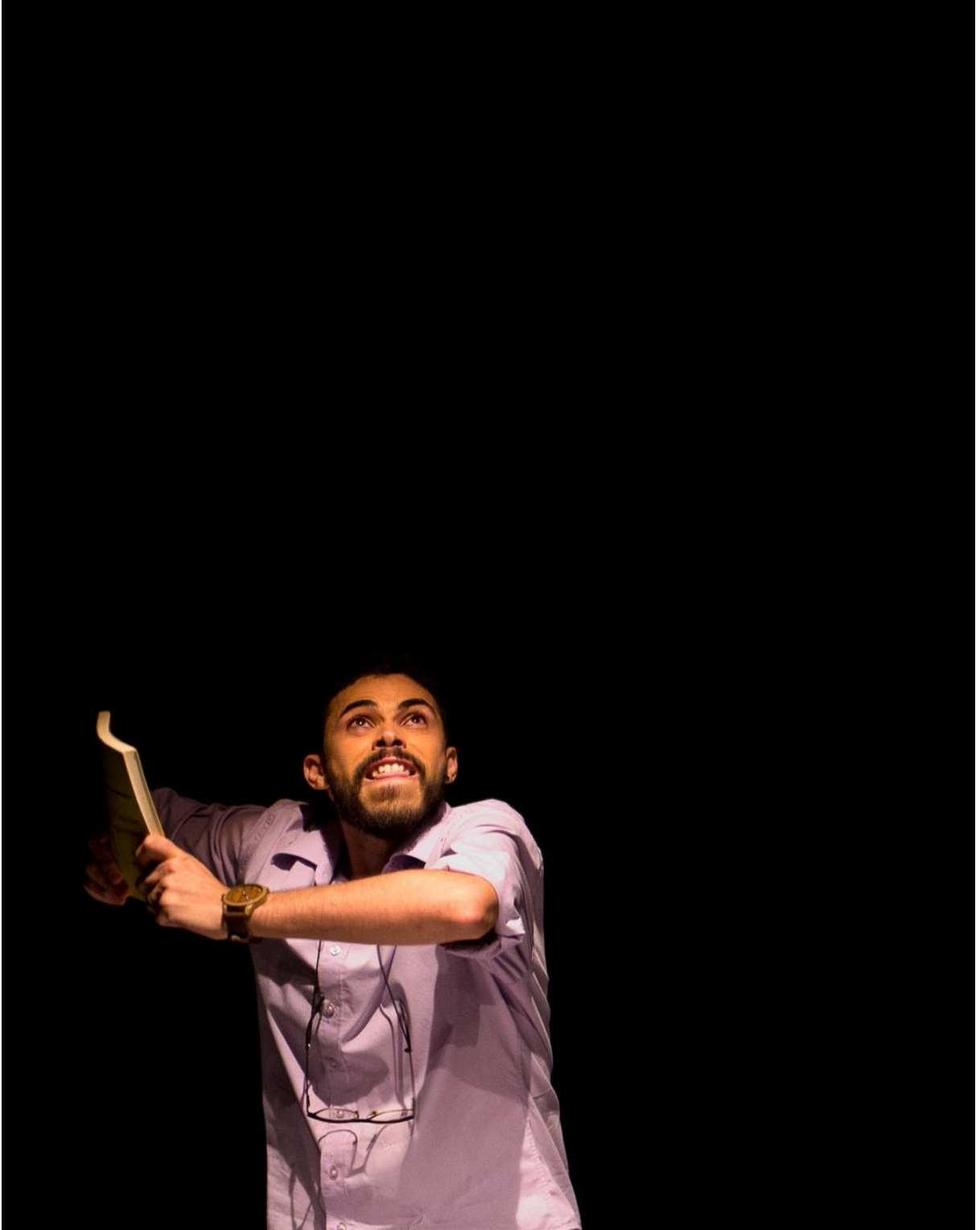
VIRTANEN, A. Posfácio. In: GUATTARI, F. **Máquina Kafka / Kafkamachine**. Edição bilíngue. Tradução Peter Pál Pelbart. São Paulo: n-1 Edições, 2011.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

APÊNDICE A – Processos (Vida como obra de arte)













APÊNDICE B – Recurso educacional

ZINHO MARQUES

O PROFESSOR,
O ATOR E
A CRIANÇA NA
DANÇA
DA FILOSOFIA
NIETZSCHIANA

UM MANIFESTO
PARA O PORVIR





PERSONAGENS

O ATOR

O PROFESSOR

A MESA

TRABALHADORES

O PÚBLICO

PRIMEIRA CENA:

Uma instalação. Um corredor. Um grande tecido. No pano está contada a história do Ensino de Filosofia no Brasil. Há também frases, como: “Incorporo a Revolta”, “Inventar ou Perecer”, “Eu Me Transbordo de Alegria”. O público tem à sua disposição canetas, alfinetes, tintas, pincéis, linhas e agulhas, fotografias, papéis em branco, recortes de revista e todo tipo de coisa que ajude a compor esse parangolé. Projetada numa parede, a seguinte nota:

Fruto das experiências de Hélio Oiticica (1937-1980) com a comunidade da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, no Rio de Janeiro, o Parangolé é criado no fim da década de 1960. Considerado por Hélio Oiticica a "totalidade-obra", é o ponto culminante de toda a experiência que realiza com a cor e o espaço. Apresenta a fusão de cores, estruturas, danças, palavras, fotografias e músicas. Estandartes, bandeiras, tendas e capas de vestir prendem-se nessas obras, elaboradas por camadas de panos coloridos, que se põem em ação na dança, fundamental para a verdadeira realização da obra: **só pelo movimento é que suas estruturas se revelam.**

O ator está assentado em sua cadeira. Tem à sua frente o tecido, que parece nascer entre suas pernas. Veste uma porção de casacos em camadas. Aparenta ter quarenta quilos a mais do que possui. Está imóvel. Sobre si a seguinte frase projetada: *um camelo*. À sua volta,

uma infinidade de papéis. Ele mesmo quase se mistura com esses montes que se transformam em dunas de areia.

Ator: - Aqui brilha minha tolice (Orgulhoso).

O público se assenta nos cantos das paredes, entorno da instalação e do tecido.

Como que respondendo a uma entrevista, o ator a todo o momento tenta se levantar da cadeira, mas não consegue. Vez ou outra consegue retirar de sobre si um ou dois casacos. Ao longo de suas respostas, vai puxando o tecido para o ventre. Tornando-se grávido das palavras que ele mesmo diz.

Ator: - Subjetivamente, posso dizer que, ao longo da minha trajetória como docente, fui compreendendo que existe, em alguma medida, uma dicotomia entre a tarefa prescrita e a tarefa real do trabalho curricular. Quando me dedicava estritamente ao fazer prescritivo, quase nunca conseguia atingir os objetivos propostos. Por outro lado, quando eu me permitia criar brechas na formalidade do trabalho, passava a considerar aspectos intraduzíveis na forma e, portanto, além de cumprida, a tarefa era ampliada. Lembro-me de uma leitura que fiz, não sei onde, que dizia do período industrial: quando os trabalhadores queriam sabotar os rendimentos da fábrica realizavam os seus afazeres da maneira prescrita, ou seja, o trabalho se esvanecia de vida. Acredito que o mesmo acontece com a prática diária do professor no chão da sala.

(Pausa. Como que ouvindo a uma pergunta).

Ator: - É muito interessante pensar que a autonomia do trabalho docente acontece justamente quando este, o professor, compreende o funcionamento de determinadas estruturas e das fórmulas apresentadas nos programas curriculares, prescritas pelas autoridades escolares. A gente se ilumina dessas coisas para delas se emancipar. A autonomia do professor está, também, em poder e saber usar e escolher aquilo que nos é oferecido pelos programas, assim como rejeitar determinados aspectos do mesmo, é claro. Ou seja, os objetivos estão dados, mas os meios para alcançá-los, não. De algum modo, o currículo oficial “determina” a autonomia dos professores, apesar dessa determinação parecer se contrapor ao caráter autônomo do trabalho docente.

(Pausa. Uma voz em *off* começa a dizer repetidamente a frase: *Tu debes! Tu Deves!* O ator começa a se exaltar, seus movimentos se tornam mais amplos. Ele responde: *Eu quero! Eu farei!*).

Ator: - Para mim, o trabalho do professor está diretamente ligado a uma prática de transformação, num sentido amplo, quero dizer. O docente deve criar formas de se locomover dentro das estruturas nas quais está inserido, se apropriando dos instrumentos fornecidos por elas. A transformação aqui adquire um sentido artesanal, um trabalho feito com as mãos, as mesmas que escrevem na lousa escrevem subtextos nos

espaços, nos currículos, etc. O professor é aquele que se apropria desses elementos para transformá-los em fazer e em novas inquietações.

(Desaparece do seu peito os dizeres *um camelo*. Agora, projeta-se: *um leão*. Ele já possui muito menos camadas de casacos. Ouve-se, ao longe, um batimento cardíaco, como que de uma criança no ventre. A barriga do ator já está bem grande).

Ator: - De uma maneira decisiva, a laboração docente é constantemente atravessada pelo mundo em que ele, como vivente, está inserido (ou jogado, como diria Sartre). Assim, o nosso fazer está permeado por repetidas séries de codificação e decodificação do mundo. Como seres situados num tempo histórico, este, por sua vez, certamente nos fomenta perspectivas, modos de vida e de encarar a realidade. Interpretar o mundo, seja como docente ou discente, é uma tarefa política e de confronto à realidade. De outro modo, as vivências, as relações com os sujeitos da educação e os contextos sociais subsidiam as transformações que compõem o trabalho do professor. Interpretar é assumir-se como sujeito e como transformador da história e, conseqüentemente, do fazer educativo.

Voz em off: Tu deves! Tu deves! Tu deves! (Desaparece a frase: *um leão*)

Ator: - (Revoltoso e como que sentindo as dores de um parto)
Historicamente, a epistemologia se contraporá às opiniões, ou seja, ao

senso-comum. Não seria isso mesmo o trabalho do professor, fomentar o rigor no pensamento? Entretanto, é válido lembrar que o conhecimento, seja ele de qual área for, está repleto de signos e ideologias acerca da realidade. Portanto, isto significa dizer que, como educadores, somos sempre parciais em nosso trabalho, pois nossa visão de mundo é sempre um recorte dentre as diversas possibilidades do nosso olhar. Esses recortes são advindos, é claro, também de nossa formação, seja ela acadêmica ou não. Verificamos, portanto, que a natureza do conhecimento para cada docente é fruto de uma tessitura complexa, composta de diversas camadas. São elas que engendrarão a identidade docente, aliadas, é claro, à cultura em que ele está inserido. Especificamente, falo do nosso modo ocidental de encarar o mundo.

(Um choro de recém-nascido rompe o espaço. O ator retira as últimas camadas de casacos que possui. Se põe de pé).

Ator: - (Nascendo) Eu farei!

(Retira as peças fundamentais do corpo, a calça, a camisa e a cueca. Fica nu. *Bloco na Rua – Sérgio Sampaio*. Cobre-se com tinta vermelha).

Ator: (Citando Nietzsche, *A Gaia Ciência*, p. 12) “Todas as verdades são para mim verdades sangrentas”.

(Veste o tecido que trazia em sua barriga. Inflama-se. Brinca. Dança. Cria. Colhe. Festeja).



Acesse a música

*Há quem diga que eu dormi de touca
 Que eu perdi a boca, que eu fugi da briga
 Que eu caí do galho e que não vi saída
 Que eu morri de medo quando o pau quebrou*

*Há quem diga que eu não sei de nada
 Que eu não sou de nada e não peço desculpas
 Que eu não tenho culpa, mas que eu dei bobeira
 E que Durango Kid quase me pegou*

*Eu quero é botar meu bloco na rua
 Brincar, botar pra gemer
 Eu quero é botar meu bloco na rua
 Gingar, pra dar e vender*

*Eu, por mim, queria isso e aquilo
 Um quilo mais daquilo, um grilo menos disso
 É disso que eu preciso ou não é nada disso
 Eu quero é todo mundo nesse carnaval*

*Eu quero é botar meu bloco na rua
 Brincar, botar pra gemer
 Eu quero é botar meu bloco na rua
 Gingar, pra dar e vender*

O ator tem um tambor em suas mãos que dita o ritmo de sua incandescência, mas logo o deixa de lado. Acende um sinalizador e conduz o público até uma porta. Logo após o último verso da canção, abre a boca para proclamar algo, a porta se abre fazendo um grande estrondo. Ele leva um tiro. Fim da primeira cena.

SEGUNDA CENA

Bate um sino ao longe. *O Patrão Nosso de Cada Dia – Secos e Molhados.*



Acesse a música

*Eu quero o amor
Da flor de cactus
Ela não quis*

*Eu dei-lhe a flor
De minha vida
Vivo agitado
Eu já não sei se sei
De tudo ou quase tudo
Eu só sei de mim
De nós
De todo o mundo*

*Eu vivo preso
A sua senha
Sou enganado*

*Eu solto o ar
No fim do dia
Perdi a vida*

*Eu já não sei se sei
De nada ou quase nada*

*Eu só sei de mim
Só sei de mim
Só sei de mim*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia
O patrão nosso
de cada dia
Dia após dia*

Uma procissão de Trabalhadores começa a marchar em direção ao corpo no chão. Eles passam pelo mesmo portal pelo qual partiu o tiro que retirou a vida daquele ator. Carregam o corpo por sobre as suas cabeças, levando-o para o local de onde saíram. Tudo acontece de modo lento e doído. A luz se modifica. Um refletor de contra é lançado sobre a cena.

Luz branca. O tecido que cobria o corpo do ator permanece no corredor, ensanguentado. Os Trabalhadores caminham para perto da luz, projetando enormes sombras e multiplicando substancialmente o número de sujeitos que participam da ação. O público vai seguindo o cortejo de tal modo que suas sombras também se misturam às demais projeções. Todos testemunharam o nascimento e a morte de uma criança.

A luz vai se apagando. Os Trabalhadores somem. Do lado contrário ao cortejo, projeta-se a seguinte imagem, acompanhada do poema de Ricardo Reis (voz em *off* e *em eco*):



*Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.*

*Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo
Os impulsos cruzados
Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam.
A quem me sei: eu escrevo.*

O ator reaparece do lado contrário à projeção. Está sozinho. No palco, apenas ele, uma mesa e uma cadeira. Veste-se como um professor (como é que um professor se veste?). O sinal toca. O som sai como que de sua boca, similar a um grito preso há muito tempo no corpo. Burburinho escolar. Uma luz muito forte e clara (âmbar) sobrevém à mesa: é um chamado.



A Mesa: - Venha!

O ator, sem qualquer resistência, assenta-se. Sua feição é quase neutra, esboçando apenas pequenos lampejos de intenção, sobretudo angústia e tédio. Retira do bolso uma caneta e se põe a examinar papéis. Vez ou

outra blatera. Em *off*, um áudio. O ator coloca um papel inteiro em sua boca. Rumina e baba enquanto escuta:



Acesse a Música

(Descrição do áudio):

(Faixa 1) Projeção - 1964

Repórter: - *Gente, não houve um retrocesso na democracia?*

General: - *Que retrocesso coisa nenhuma! Que retrocesso? É constitucional. O que é democracia? Democracia é a aplicação da lei. A aplicação da lei. A lei foi aplicada. Então, não houve retrocesso. Que modifiquem a lei, então! Que retrocesso coisa nenhuma! Isso aí é reproduzido em centenas de jornais, atinge milhões de brasileiros, uma única fonte dizendo falsidades. Atinge milhões de brasileiros e, mais ainda, cada jornal reproduz como se fosse uma notícia sua. Vale dizer, sai de uma maneira num jornal, sai de outra maneira noutro jornal e isso aí fica espalhado no Brasil todo.*

(Faixa 2) Projeção - 2016

O Coiso: - [...] glória para o povo brasileiro. Tem um nome que entrará para a história nessa data, pela forma como conduziu os trabalhos nessa casa. Parabéns, presidente Eduardo Cunha! Perderam em 64, perderam agora, em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve; contra o comunismo; pela nossa liberdade; contra o Folha de São Paulo; Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff.

Eduardo Cunha: - Como vota, deputado?

O Coiso: - Pelo Exército de Caxias...

Eduardo Cunha: - Como vota, depu...

O Coiso: - pelas nossas forças armadas, por um Brasil acima de tudo e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!

(Faixa 3) Projeção - 1968

Presidente Costa e Silva: É com verdadeira violência aos meus princípios e ideias que adoto uma medida como esta. Mas adoto porque estou convencido que é do interesse do país. É do interesse nacional que ponhamos um basta.

(Faixa 4) Projeção - 2016

Jean Wyllys: – Em primeiro lugar, quero dizer que estou constrangido em participar dessa farsa, dessa eleição indireta, conduzida por um

ladrão, urdida por um traidor, conspirador, e apoiada por torturadores, covardes, analfabetos políticos e vendidos. Essa farsa sexista! Em nome dos direitos da população LGBT, do povo negro exterminado nas periferias, dos trabalhadores da cultura, dos sem-teto, dos sem-terra, eu voto não ao golpe. E durmam com essa, canalhas!

(Faixa 5) Projeção - 1964

Propaganda Institucional: *No início de 1964, assim era o dia-a-dia: agitação, desordem, intranquilidade. O povo exigiu o fim da anarquia. O exército, solidário com as legítimas aspirações do povo, cumpriu sua missão constitucional, garantindo a lei e a ordem. Exército: compromisso com a democracia.*

A partir da quarta faixa, o ator deixa de ruminar. Atento, escuta as palavras que emanam das caixas sonoras. Na quinta faixa, levanta-se lentamente e se dirige ao proscênio. A mesa se apaga. Os números projetados nas paredes se embaralham a tal ponto de não sabermos em que data estamos. Ao término do áudio:

Ator: - Eu vivo um tempo de guerra, onde temos que lutar pelo óbvio. Presencio no meu dia-a-dia o horror e a baixeza do pensamento obscuro, caduco e vil; ao mesmo tempo em que cega, que cala, que ensurdece, sua vileza controla os braços, as pernas, flexiona os joelhos dos homens para que se rebaixem ao comando e à submissão dos déspotas, ao passo que também flexiona os seus joelhos em marcha contra seus irmãos. O

que houve com a humanidade? Eu vivo num mundo onde o limite de tudo nos é dado ao nascer, cuja assinatura desse contrato irrevogável é a palmada que o médico nos dá. E o nosso choro primeiro é o arrependimento pela perda de nossa inocência ao entrarmos na rodaviva da vida. Vivemos? Todos os dias eu apago minhas diferenças para me submeter ao padrão, ao patrão, ao patriarcado; sou guiado pela brancura de homens imundos. Sou limitado, conduzido ao muro de fuzilamento: fim do caminho. Olho para trás e vejo que não vivi; que fui tão somente uma máscara de mim mesmo, um camelo, como tantos outros camelos por aí espalhados. O que ando fazendo da minha existência?

Ator: - (Para a projeção do ano de 2019 em suas costas) O que anda fazendo de mim?!

A mesa novamente se acende.

Off: - Tu deves!

Ator:- (Para a mesa) Cala a tua boca, dragão maldito!

Imediatamente se instaura um jogo de palmas por detrás do ator. São os Trabalhadores. Eles batem as mãos espalmadas em um só ritmo. Algo parecido com um trem e que, gradativamente, vai assumindo um tom volumoso e acelerado. Eles estão juntos e repetem as palavras *Amor Fati*, também conjuntamente. Um refletor num tripé na lateral esquerda

ilumina parte dos seus rostos. O ator, ditado pela cadência das palmas, começa a se mover pelo espaço. Parece buscar algo cuja distância aumenta a cada passo seu. Depois de algum tempo, começa a correr e a sorrir, gargalhar, ficando cada vez mais leve pelo espaço. Aparenta ter convicção de que alcançará a coisa perseguida. O ritmo do jogo vai aumentando cada vez mais. O ator parece coreografar o espaço, como alguém que dissesse: - *Venham, dancem comigo!*



Põe-se na ponta contrária dos Trabalhadores e corre em direção a eles. No momento em que está prestes a agarrar alguma coisa no ar, um dos trabalhadores coloca uma grande pedra sobre o ator. Ele para.

Tristão e Isolda (Prelúdio) – Richard Wagner.



Acesse a Música

(Pausa)

Ator: - (Citando Nietzsche, *Ecce Homo*, §1) “Para aquilo que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvidos”.

Um atrás dos outros, os Trabalhadores saem da luz em direção à porta.

Trabalhadores: - Somos animais de rebanho (Marcham).

No momento em que abrem a porta, ouve-se um tiro, como na primeira cena. Eles saem. O ator assume a antiga posição dos trabalhadores. O som se eleva. Sobre ele incide a mesma luz. Na parede, projeta-se a sombra de um homem com sua pedra. Quem é quem?

Black-Out. Fim da segunda cena e do primeiro ato.

TERCEIRA CENA

Ator: - (No escuro) Ensinar não equivale a transmutar aquilo que não nos pertence.

Abre cena. *Wolfgang Amadeus Mozart – Requiem: Introitus*. Os Trabalhadores retornam, cada um com sua pedra. Ao lado do ator, formam uma linha de produção. Executam movimentos repetitivos, trabalhando desesperadamente até estarem completamente cansados e suados. Transferem suas pedras uns aos outros. A ação vai ganhando contornos de luz que se acendem e apagam. Uma penumbra com grandes sombras se instaura, tornando o ambiente insalubre, apertado e estranho. Os trabalhadores estão agora desfigurados. Seus movimentos se assimilam a clamores. O ator tem o ímpeto de se libertar. Com os punhos cerrados, soca a rocha com força, repetidamente. Suas mãos sangram. Seu movimento vai se tornando cada vez mais forte, compromissado e verdadeiro. Ele retira do bolso do operário ao seu lado um martelo e começa a despedaçar a pedra. Sobre os Trabalhadores, projeta-se a palavra ressentimento; e nos seixos que são trocados em cadência, paixões tristes.



Acesse a Música

Movimento	Letra	Tradução
Requiem Aethernam	<p><i>Requiem aeternam dona eis,</i></p> <p><i>Domine, et lux perpetua luceat eis.</i></p> <p><i>Te decet hymnus, Deus, in Sion,</i></p> <p><i>et tibi reddetur votum in Jerusalem:</i></p> <p><i>exaudi orationem meam, ad te omnis caro veniet.</i></p> <p><i>Requiem aeternam dona eis, Domine,</i></p> <p><i>et lux perpetua luceat eis.</i></p>	<p>Repouso eterno dá-lhes, Senhor,</p> <p>e que a luz perpétua os ilumine.</p> <p>Tu és digno de hinos, ó Deus, em Sião,</p> <p>e a ti rendemos homenagens em Jerusalém:</p> <p>Ouve a minha oração, diante de Ti toda carne comparecerá.</p> <p>Repouso eterno dá-lhes, Senhor,</p> <p>E que a luz perpétua os ilumine.</p>
Kyrie	<p><i>Kyrie eleison</i></p> <p><i>Christe eleison</i></p> <p><i>Kyrie eleison</i></p>	<p>Senhor, tende piedade.</p> <p>Cristo, tende piedade.</p> <p>Senhor, tende piedade.</p>

Ator: - Se houve um único cristão, este morreu na cruz!

Em *Off*, entra o áudio:



Acesse o Áudio

(Descrição do áudio):

Pastor Edir Macedo: - Presidente Jair Bolsonaro, por favor, eu vou fazer uma oração. Venha Espírito Santo sobre ele para lhe dar sabedoria, a sabedoria que vem de ti, do alto, do trono do Altíssimo. Para que a partir de agora este país, meu Deus, venha ser transformado, ele tenha sabedoria, inteligência, ele tenha coragem, ele tenha ânimo, saúde, força, vigor para fazer deste país um novo Brasil, meu Pai. Porque essa é a nossa fé! Essa é a nossa fé, meu Pai! Nós o consagramos, Espírito Santo, para serviço de ti; e servir a ti, meu Pai, é servir a esta Nação. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo nós o fazemos com alegria e certeza da nossa fé, em nome do Senhor Jesus. Amém! E graças a Deus! Amém!

(Aplausos).

Os Trabalhadores caem de joelhos e clamam como cordeiros.

Ator: - (Enquanto despedaça a pedra) Um dos piores efeitos de um governo fascista é criar uma sociedade à sua imagem e semelhança.

Áudio em Off. Os Trabalhadores replicam algumas das falas, como ecos. O ator bate na pedra com vigor:



Acesse o Áudio

(Descrição do áudio)

(Faixa 1)

O Coiso: - Eu sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também. Através do voto você não vai mudar nada nesse país. Nada! Absolutamente nada! Isso só vai mudar, infelizmente, quando um dia nós partirmos para uma guerra civil aqui dentro. E fazendo um trabalho que o regime militar não fez, matando uns trinta mil!

(Faixa 2)

O Coiso: - O afrodescendente mais velho de lá pesava sete arrobas (risos). Não Fazem nada! Eu acho que nem para procriadores servem mais.

(Faixa 3)

O Coiso: - *Não vai ter um centímetro demarcado para reserva indígena ou pra quilombola!*

(Faixa 4)

O Coiso: - *Agora, você de casa, contrataria um motorista gay para levar o seu filho na escola? Está na cara que não! Não gostaria de ter vizinho meu um casal homossexual morando ali, com meus filhos pequenos em casa. No meu tempo, era coisa rara você encontrar uma... gay (não tinha outro nome), uma bicha na rua, que era comum tu falar, né?... um veadinho. Se o filho começa a ficar meio assim, meio gayzinho, leva um 'couro', ele muda o comportamento dele.*

(Faixa 5)

O Coiso: - *Vamos fuzilar a petralhada...*

Ao término do áudio, o ator já conseguiu destruir toda a sua pedra, que agora é um farelo amarelo e minúsculo ao lado da santa cena dos Trabalhadores. Assentado sobre suas pernas, ele coloca-se frente ao quadro formado pelos trabalhadores. Tem as mãos ensanguentadas, como Cristo ao ser crucificado. Ele também unta os seus pés com sangue. E, deitado no chão como uma cruz, diz:

Ator: - Mãe, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!

O quadro formado à frente do ator se apaga ao som de um tiro, acendendo, imediatamente, um leve foco sobre o professor deitado. O ator ainda se veste como um professor (como é que um professor se veste?). A luz em resistência vai gradativamente se apagando até o black-out. Fim da terceira cena.

QUARTA CENA

Luz geral. Contornos épicos. O professor joga com o público.

Professor: - (Suave) Boa noite! Alguém poderia fazer a gentileza de vir me ajudar?

Aguarda até que alguém do público venha até ele. Caso a plateia se negue a ajudá-lo, ele será ainda mais incisivo. Podendo se valer, inclusive, de apelos à moral dos espectadores. A pessoa que se dispuser, auxiliará o professor a se levantar, colocando suas mãos nas dele. E, sendo pega de surpresa, sujará também suas mãos com o sangue.

Professor: - Porque tem meu sangue em suas mãos? (Sorri irônico).

Professor: - (Em direção à plateia) Porque têm meu sangue em suas mãos?!

(Silêncio)

Pede para a pessoa que lhe ajudou que se assente. Agradece. Retira do bolso um papel. Ele está dobrado em três. Lê para o público.

Bom dia, prezado!

Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, temos que apresentar aos alunos, de forma justa, isto é, com a mesma profundidade e seriedade, as principais versões, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.

(Para. O professor ironiza).

Professor: - A respeito de quê?

(Retoma a leitura).

Muito me preocupa a linha pela qual pretendem enveredar, já que a proposta é apresentar a visão de uma personalidade...

Professor: - A proposta não era apresentar a visão de uma personalidade.

(Continua)

... que viveu num determinado tempo e espaço (com um histórico de vida).

Professor: - (Ironizando) Até hoje eu nunca conheci alguém que não tenha VIVIDO num tempo e espaço determinados (e que não tenha um histórico de vida).

(Prossegue)

Não seria ideal apresentar outra visão?

(Revira os olhos)

“Liberdade” não se dá nas várias formas de enxergar o mundo?

Professor: - Uai, eu que pergunto! (?)

É necessário mostrar aos alunos outras referências para que eles entendam os debates e posições existentes em relação a determinado assunto.

Sinceramente achei muito sugestiva e ideológica a proposta do projeto.

Atenciosamente, FULANA.

(Guarda o papel no bolso).

Professor: - Quem me enviou esse e-mail, negando a execução de um projeto que tratava das desigualdades sociais por meio da análise das canções do Belchior, foi a mesma pessoa que pediu a um colega que ensinasse aos alunos as benfeitorias da ditadura militar no Brasil. O que, é claro, ele negou. Uma mulher branca, cristã, autoritária, classe média

que acredita ser milionária. A mesma que se filia a candidatos políticos duvidosos e que ministra palestras contra as drogas, sejam elas lícitas ou não, quando até ontem vivia com o cigarro e a cerveja na mão. Ela, que defende a família e os bons costumes, mas que traía o marido no escritório em pleno expediente escolar. A mesma pessoa que, quando o MEC solicitou às escolas que os alunos cantassem o hino nacional, dissessem o lema que elegeu o nosso querido presidente e, piorando a situação, se filmasse tal absurdo, enfileirou os alunos na quadra, até que foi impedida por nós professores.

Professor: - (Noutro tom) Como é que um professor se veste? Trabalhando. Como é que um professor come? Trabalhando. E como é que um professor paga o aluguel? Trabalhando. Por que é que um professor e o seu trabalho oferecessem tanto risco a essas pessoas?...

(Muda o tom e a cadência)

Professor: - Minha carreira como educador começou como estagiário. Eu havia terminado o quarto período e estudava na PUC com bolsa integral. Necessitava de um salário para sobreviver. Eu trabalhava num colégio cristão (protestante), mas se engana quem acha que lá se podiam fazer protestos. Num mês eu era o estagiário e no outro eu era o professor titular da disciplina. O motivo? Meu antigo colega, antes meu supervisor de estágio, e que era recém-contratado, reclamou que o material didático usado pela escola continha erros. Na verdade,

supressão de certos pensadores e escolas filosóficas. Os chamados filósofos malditos. Só depois fiquei sabendo disso. Esse meu colega ministrava ao todo, e em diversas escolas, cinquenta aulas semanais. E vivia de um lado ao outro porque iria se casar e precisa juntar dinheiro, o que, vamos combinar, dando aulas de filosofia, seria realmente algo muito difícil. Quanto a mim, me tornei professor recebendo como estagiário e sem carteira assinada. Assim foi por um ano até que me contrataram oficialmente. Nessa escola, os filhos e as filhas das donas (que eram quatro) exerciam a função de professores e professoras com o famoso CAT (que é uma licença para se trabalhar a título precário). Emprego que era uma mentira na verdade, pois cada um dava apenas uma aula, como um “reforço” ao trabalho dos demais professores. O que verdadeiramente era uma desculpa para se saber o que andávamos ensinando.

(Irônico)

Professor: - Mas tudo bem, eles lutaram muito, eles ME-RE-CE-RAM tudo o que tinham. O que não era pouco.

(Retoma)

Professor: - Lá, aliás, era um reduto da espionagem. O serviço de inteligência dos EUA (se é que existe alguém inteligente naquele país) deveria realizar cursos com eles. Havia câmeras em todos os lugares, exceto nos banheiros, da sala de aula à sala dos professores. Nada

passava despercebido naquela escola. Por diversas vezes, senti vontade de levar a turma inteira para o cagatório porque lá, pelo menos, as “cagadas” que eu fizesse ficariam a salvo dos olhos daqueles crentes. Ser professor muitas vezes é uma merda!

(Solta um riso nervoso)

Professor: - Mas vamos voltar ao que é importante. O espetáculo não pode parar (brinca). Depois de contar para vocês sobre todas essas mortes diárias, quem aqui teria a coragem de me matar? (Silêncio).

(Desafia o público)

Os Trabalhadores que estavam assentados no mesmo lugar em que executaram sua última ação, durante toda a fala do professor estavam comendo em suas marmitas. Um deles se aproxima do educador e oferece a ele uma matula. Ao abri-la, o professor retira de dentro um revólver.

Professor: - (Como que continuando o que falava antes) Vocês viram, né, que já fui “oficialmente” morto duas vezes nessa peça. (?)

(Olha o público. Silêncio).

Professor: - Vamos, não sejam covardes! Às vezes, para se criar algo é necessário que se destrua tudo. (Pausa. Como que esperando uma

resposta) Não se preocupem, quando os vivos não conseguirem mais lutar, os mortos lutarão!

(Silêncio)

Professor: - Ninguém? Tudo bem. Passemos agora ao último ato do nosso espetáculo.

Dá um tiro em sua própria cabeça. Cai. Os Trabalhadores choram. Fim do segundo ato e do contorno épico. *Black-out*. Som de chuva.

QUINTA CENA

É possível chover no deserto? (Dizem que os pavões trazem chuva quando são mortos, além de possuírem o poder da transmutação). Abre cena. Múltiplas vozes ocupam o espaço, realizando uma série de indagações. As vozes parecem vir de um lugar fechado e abafado, como um quarto escuro e solitário. Não há ninguém, nem nada no espaço, exceto uma mesa e uma cadeira escolar, bem no centro. Sobre elas há um foco. Na plateia uma luz bem fraca. O ator agora está assentado junto aos espectadores. Eles escutam o som da chuva em silêncio. O ator tem papéis em suas mãos. Assentado, distribui todos eles para o público. Ninguém diz nada. Toda a ação acontece como consequência de sua intencionalidade. Nas folhas, há o seguinte dizer:

LEIA AGORA E EM VOZ ALTA

O ator faz um breve sinal para que a pessoa ao seu lado comece a leitura. E assim, sucessivamente até que ela se propague como um vírus, munido de muitas vozes e em diferentes lugares do seguinte texto:

EU DEITO PELOS PROFESSORES CANSADOS

Chove desde ontem e eu tenho roupa para lavar. O meu quarto é o primeiro campo de guerra que enfrento logo cedo. Dos milhares campos de batalha em que estou inserido nos últimos tempos, o maior deles tem sido a minha cabeça: creio que precisaria de mais de setecentas para suportar tudo o que penso. Nesse mundo de farrapos em que vivemos, tento sobreviver como professor. Fazer algum sentido para os outros, para mim mesmo. Mas tenho andado muito cansado. Hoje, uma aluna do sexto ano me interrogou sobre o porquê eu lecionar filosofia. E completou: - Você fala demais. No sétimo ano, ouvi outra aluna dizer, enquanto revirava os olhos:- Quanto a filosofia vale para minha vida? No dia dezesseis de novembro, em comemoração ao Dia Mundial da Filosofia, a UNESCO lançou uma nota dizendo de sua importância como “uma prática cotidiana que pode transformar as sociedades”, além de ser o caminho para “construir uma sociedade mais tolerante e mais respeitosa”. Quando entrei na sala do terceiro ano do ensino médio, logo fui interrompido por um aviso “urgente” que vinha de fora. Penso que

tudo é mais urgente do que uma aula de filosofia. Mas, num papel verde e quadrado, recebi de quatro alunas uma paçoca e um doce-de-leite com os seguintes dizeres: “Nós amamos você! Conte sempre com a gente”. Acho que ando visivelmente cansado. Minhas olheiras superaram minha alegria e minha educação. Lá pelas tantas, a diretora parou à minha porta, veio perguntar sobre a minha família. Tenho a ligeira impressão de que as pessoas desconfiam que algo terrível acontece em minha vida. No primeiro ano, líamos um texto da Lya Luft, “Pensar é Transgredir”. Enquanto eu questionava os alunos acerca de um trecho que dizia sobre a necessidade de questionarmos o que nos é imposto (sem rebeldias insensatas, mas sem demasiada sensatez), eles permaneceram mudos. Então decidi explicar o texto por completo. Anotaram tudo fervorosamente. Educação de manada. Na última aula, a partir das onze horas e quarenta minutos, depois de cinco horários, falo aos meus alunos sobre Rubem Alves e do nosso desejo de que “seguindo-se o tempo em que se ensina o que se sabe, deve chegar o tempo em que se ensina o que não se sabe”. Vejo os seus olhos brilharem, tenho esperança. O sinal bate e eles, como bois tocados pelo grito do pastor de rebanho, saem correndo. No frenesi, vejo um objeto se aproximar do meu rosto: fui acertado por um apagador de quadro branco. – Oh! Desculpa, professor! Era para acertar o fulano. Saí do colégio com um lado da cara vermelho e dolorido, mas o que está doendo mesmo é essa minha mania em acreditar que dando aulas de filosofia conseguirei

convencer aos outros e a mim de que tenho alguma serventia para este mundo caduco e vil...

Ps.: estou vendendo os meus livros.

Enquanto o texto é lido em voz alta pelo público, o ator, em silêncio, caminha até a mesa e a cadeira. Percebe que há sobre elas um pequeno caderno e uma caneta. Ele se assenta. Começa a escrever. Tudo indica que escreve o que a plateia lê, como que estivesse sendo lido pelos outros ou escrevendo tantos outros professores em seu caderno.

Quando a última voz se cala, cessa a chuva. *Pavão Misterioso* –
Ednardo:



Acesse a Música

Aos primeiros toques do violão, antes de iniciar a letra da canção e seguindo a cadência da batida das cordas, o ator se levanta. E em tom gradativo, vai dizendo:

Ator: - não... não... Não... Não! Não! Não! NÃO! NÃO! NÃO! (de modo que o último “NÃO!” aparenta ser um rugido).

Os Trabalhadores entram em cena e vão em direção ao ator. Trazem em suas mãos fitas coloridas de cetim. A cada verso da canção, vão despindo o ator de seus trajes como professor e vão cobrindo o seu corpo com as fitas. O ator reluta, mas, em determinado momento, se disponibiliza para a ação que, apesar de parecer dolorosa, traz consigo, também, um ar triunfante e prazeroso.

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse teu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim
Muita história
Eu tinha prá contar...*

*Pavão misterioso
Nessa cauda
Aberta em leque
Me guarda moleque
De eterno brincar
Me poupa do vexame
De morrer tão moço
Muita coisa ainda
Quero olhar...*

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Tudo é mistério
Nesse seu voar
Ai se eu corresse assim
Tantos céus assim*

*Muita história
Eu tinha prá contar...*

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
No escuro dessa noite
Me ajuda, cantar
Derrama essas faíscas
Despeja esse trovão
Desmancha isso tudo, oh!
Que não é certo não...*

*Pavão misterioso
Pássaro formoso
Um conde raivoso
Não tarda a chegar
Não temas minha donzela
Nossa sorte nessa guerra
Eles são muitos
Mas não podem voar...*

Ao término da canção, os Trabalhadores saem pela porta da qual não se
ouve mais tiro algum. O ator está colorido e resplandecente no espaço.
Ele canta suavemente:

*Me poupa do vexame
De morrer tão moço
Muita coisa ainda
Quero olhar...*

Black-out. Fim da quinta cena.

CENA FINAL

Palco quase vazio. Exceto pela mesa e pela cadeira do ator que estão no mesmo lugar. Som: *O Patrão nosso de cada dia – Secos e Molhados*. Os Trabalhadores retornam lentamente. Agora são eles que estão vestidos como professores. Cada um traz consigo uma mesa e uma cadeira. Aos poucos e espalhados, os professores-trabalhadores vão ocupando o espaço ao redor da mesa e da cadeira vazias. Assentam-se. Cada um trabalha e sofre, confinado em seu mundo, seus papéis. No centro, a mesa e a cadeira vazias destoam de todo o resto. Todos os Trabalhadores se matam em cena.



Acesse a Música

*Eu quero o amor
Da flor de cactus
Ela não quis*

*Eu dei-lhe a flor
De minha vida
Vivo agitado
Eu já não sei se sei
De tudo ou quase tudo
Eu só sei de mim*

*De nós
De todo o mundo*

*Eu vivo preso
A sua senha
Sou enganado*

*Eu solto o ar
No fim do dia
Perdi a vida*

*Eu já não sei se sei
De nada ou quase nada*

*Eu só sei de mim
Só sei de mim
Só sei de mim*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia*

*Patrão nosso
De cada dia
Dia após dia
O patrão nosso*

*de cada dia
Dia após dia*

Black –out. Foco sobre a porta.

O ator retorna vestindo o parangolé da primeira cena. Ele não está nem dentro, nem fora da sala, mas no marco da porta.

Ator: - (Citando Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, colagem de várias partes) “Estado é o nome do mais frio de todos os monstros gelados. Aliás, ele mente de uma maneira fria e a mentira que sai da sua boca é esta: “Eu, o Estado, sou o Povo”. Mentira! São destruidores aqueles que armam ciladas à multidão e chamam a isso Estado. Nele tudo é falso: morde com dentes roubados. Até as suas entranhas são falsas. Trata-se da invenção duma marcha infernal, dum cavalo de batalha da morte tilintando sob os arreios das honras divinas! De fato, é a invenção duma morte para a maioria, duma morte que se vangloria a si própria de ser a vida: na realidade, um serviço prestado a todos os pregadores da morte! Dou o nome de Estado ao lugar em que todos, bons e maus, gostam de veneno: Estado, o lugar em que todos, bons e maus, se perdem a si mesmos; Estado, o lugar em que o lento suicídio de todos se chama “a vida””.

Com as mãos, faz um gesto que transpassa a porta.

Ator: - (Citando Nietzsche, Assim Falou Zaratustra, Do Novo Ídolo) “Olhai bem, portanto, meus irmãos, para onde termina o Estado! Não vedes o arco-íris e a ponte do Além-do-homem”?

Sinaliza para que o público o siga novamente até o corredor.

Enquanto as pessoas vão chegando, ouvem-se, repetidamente, ao longo do saguão, vozes que se misturam, dizendo a seguinte frase:

Off: - (Citando Lapoujade, O corpo que não aguenta mais, p. 82) *O que pode um corpo que não aguenta mais? O que pode um corpo que não aguenta mais? O que pode um corpo que não aguenta mais?*

Ao fundo, o ator picha a parede:

A FILOSOFIA SERVE PARA NÃO SERVIR

Vira para o público. Fica de cócoras. Tem aos seus pés a história da filosofia contada no parangolé. Mostra para as pessoas. Reconta a história.

Ator: - Mente aquele que diz que a filosofia nasce no ocidente. Muitos séculos antes dos pré-socráticos, no oriente já se fazia filosofia. Ao contrário das filosofias e dos pensadores orientais, os filósofos do poente quase sempre colocaram a filosofia a serviço da baixeza dos seus interesses, por mais nobres que fossem suas causas. A razão não está acima de qualquer impulso. Pelo contrário, ela mesma o é, opostamente ao que preconizaram alguns soberbos na história do mundo. O mundo, esse todo fechado, como, aí sim, certamente disseram os gregos. Belíssimo entendimento que foi desvirtuado pelos cristãos medievos quando, estes, criaram a criação e fizeram da filosofia uma mera serva

da teologia. Daí surge então a duplicação de mundos, essa mentira inúmeras vezes contada até que se tornou a verdade, a salvação e a vida. Platão foi então batizado por Santo Agostinho. O tempo passou, muita gente morreu pelas mãos da santa inquisição que não poupava nem mesmo os seus, como é o caso de Giordano Bruno, um frade dominicano que acabou na fogueira por defender as ideias de Copérnico, o homem que superou o modelo ptolomaico; espírito dúbio que transitava entre a revolução e a resignação imposta pelo peso de sua formação cristã. Depois veio Galileu, o criador do telescópio e o pai da ciência moderna, aquele que confirmou em vida e abjurou perante o Santo Conselho da Igreja a teoria heliocêntrica.

Ajoelha-se. Dirige-se ao público com pesar.

Ator: - (Citando Galilei, cerimônia de abjuração pública em 22 de junho de 1633) *Eu, Galileu, filho do falecido Vincenzo Galilei, florentino, de setenta anos de idade, intimado pessoalmente à presença deste tribunal e ajoelhado diante de vós, Eminentíssimos e Reverendíssimos Senhores Cardeais Inquisidores-Gerais contra a gravidade herética em toda a comunidade cristã, tendo diante dos olhos e tocando com as mãos os Santos Evangelhos, juro que sempre acreditei que acredito, e, mercê de Deus, acreditarei no futuro, em tudo quanto é defendido, pregado e ensinado pela Santa Igreja Católica e Apostólica. Mas, considerando que (...) escrevi e imprimi um livro no qual discuto a nova doutrina já condenada e aduzo argumentos de grande força em seu favor, sem*

apresentar nenhuma solução para eles, fui pelo Santo Ofício acusado de veementemente suspeito de heresia, isto é, de haver sustentado e acreditado que o Sol está no centro do mundo e imóvel, e que a Terra não está no centro, mas se move; desejando eliminar do espírito de Vossas Eminências e de todos os cristãos fiéis essa veemente suspeita concebida mui justamente contra mim, com sinceridade e fé verdadeira, abjuro, amaldiçoo e detesto os citados erros e heresias, e em geral qualquer outro erro, heresia e seita contrários à Santa Igreja, e juro que no futuro nunca mais direi nem afirmarei, verbalmente nem por escrito, nada que proporcione motivo para tal suspeita a meu respeito.

Ator: - (Irônico) *Eppur si muove!*

Ator: - Condenado por heresia, foi preso em sua própria casa, onde passou o resto de sua vida. Somente em 1822 que a igreja admitirá, pela primeira vez, a teoria heliocêntrica. Brecht escreve uma peça sobre ele: *Galileu Galilei*. No ano de 1992, 350 anos após a morte de Galileu, a igreja admitirá, na figura do Papa João Paulo II, que o filósofo da ciência, baseado nas teorias de Copérnico, estava certo. Giordano Bruno jamais foi redimido, como tantos outros, séculos à frente, em sua maioria mulheres, indígenas, povos escravizados ou qualquer outra personagem à margem da construção branca, masculina, etnocêntrica e colonial que fizeram do ocidente o centro do mundo. E a história da filosofia até o presente, com raras exceções, foi uma eterna repetição dos princípios aristotélicos de identidade, não contradição e terceiro

excluído, os princípios mais cristãos já escritos por um não cristão (risca o tecido onde antes se estampava a linha do tempo).

Põem-se de pé. Caminha para o meio do corredor com sua grande saia. À medida que passa, a plateia vai se afastando. Muda o tom.

Ator: - A dança de uma criança é um instante que concentra ao mesmo tempo força e fragilidade. Seu embate direto com o mundo é a efetividade do seu extermínio. A filosofia ao se debater consigo mesma quase sempre se mata. Ela é, portanto, e ao mesmo tempo, morte e vida.

Encara o público, anunciando em tom desafiador.

Ator: - Se isto é só uma peça, é preciso jamais acreditar que “um espaço liso basta para nos salvar” (Citando Deleuze e Guattari, *Mil Platôs* v. 5, p. 214).

O que Foi Feito Devera – Elis Regina e Milton Nascimento. O ator lentamente retira o parangolé. Fica nu, como uma criança que acabara de nascer. Sozinho, ele dança. Aos poucos, vai convidando o público para a festa, primeiro uma pessoa, com quem dança quase todo o tempo, depois duas, três, quatro... Até que todos estejam dançando. Tem a respiração profunda. Ele chora de alegria. Deita no chão. As pessoas dançam entorno do seu corpo. Deus está morto!



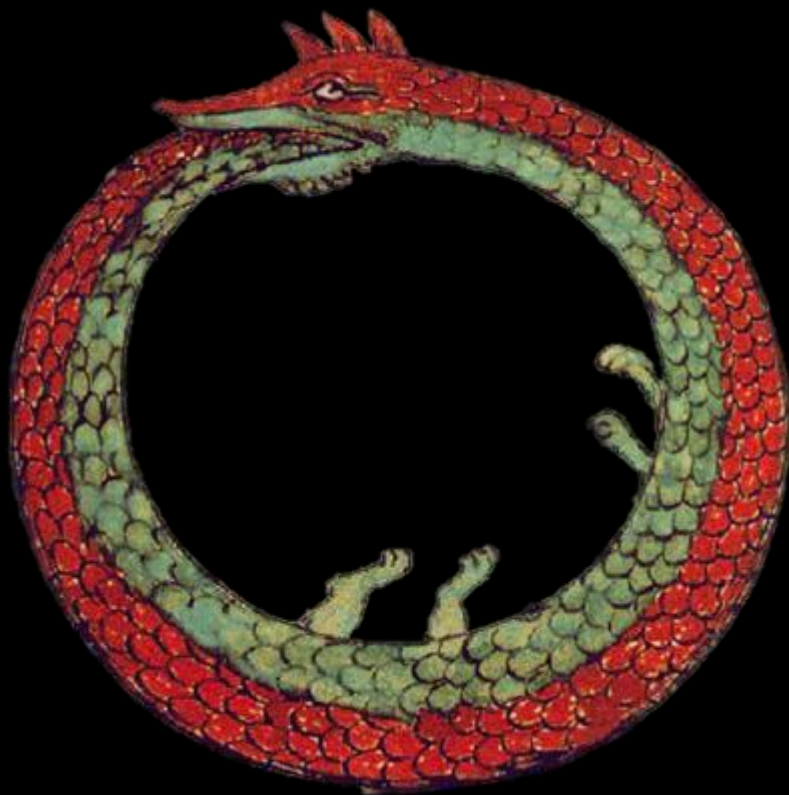
Acesse a Música

*O que foi feito, amigo, de tudo que a gente sonhou
 O que foi feito da vida, o que foi feito do amor
 Quisera encontrar aquele verso menino
 Que escrevi há tantos anos atrás
 Falo assim sem saudade, falo assim por saber
 Se muito vale o já feito, mais vale o que será
 Mas vale o que será*

*E o que foi feito é preciso conhecer para melhor prosseguir
 Falo assim sem tristeza, falo por acreditar
 Que é cobrando o que fomos que nós iremos crescer
 Nós iremos crescer, outros outubros virão
 Outras manhãs, plenas de sol e de luz
 Alertem todos alarmas que o homem que eu era voltou
 A tribo toda reunida, ração dividida ao sol
 E nossa Vera Cruz, quando o descanso era luta pelo pão
 E aventura sem par
 Quando o cansaço era rio e rio qualquer dava pé
 E a cabeça rolava num gira-girar de amor
 E até mesmo a fé não era cega nem nada
 Era só nuvem no céu e raiz
 Hoje essa vida só cabe na palma da minha paixão
 Devera nunca se acabe, abelha fazendo o seu mel
 No pranto que criei, nem vá dormir como pedra e esquecer
 O que foi feito de nós*

Ao fundo, projeta-se:

**SE A VIDA NÃO PUDER ME TRAZER A FELICIDADE, QUE
ELA ME TRAGA O TORMENTO. EU A AMO MESMO ASSIM.**



Black.-out. Som de chuva.

O PRESENTE TRABALHO SE PROPÕE A INVESTIGAR, A PARTIR DA CIRCUNSTANCIALIDADE HISTÓRICA DO NOSSO TEMPO, AS POSSIBILIDADES QUE INSURGEM, ATRAVÉS DE UM SUPOSTO ESGOTAMENTO DE NOSSAS POSSIBILIDADES, NO ENFRENTAMENTO ÀS DINÂMICAS DE MORTE QUE, INSISTENTEMENTE, SE REAFIRMAM POR MEIO DAS REVOLUÇÕES DO CAPITALISMO NO BRASIL PÓS-GOLPE (2016), TENDO COMO PLANO DE FUNDO AS TRÊS TRANSMUTAÇÕES DO ESPÍRITO, PROPOSTAS POR NIETZSCHE EM *ASSIM FALOU ZARATUSTRA: UM LIVRO PARA TODOS E PARA NINGUÉM*.

É PRECISO RIR-SE. O RIDÍCULO É O ABSURDO. O POUCO QUE SOMOS. CRAVAR OS NOSSOS CORPOS NO CHÃO. OLHAR PARA CIMA. ENXERGAR NA FALSA FIXIDEZ DO CÉU AS LUZES QUE NOS CONTEMPLAM CONTEMPLÁ-LAS. ESPELHO. E UM IMENSO MUNDO ENTRE ESSAS CLARAS NOITES; O ÚNICO PELO QUAL PODEMOS AINDA LUTAR. RIR-SE É ENTENDER-SE CAÍDO. DEITADO. EU DEITO PELOS PROFESSORES CANSADOS. DEITO-ME PORQUE É PRECISO, POIS SÓ AGORA ENTENDO QUE A IMPOSSIBILIDADE DA CRIAÇÃO É JUSTAMENTE A CONDIÇÃO DE POSSIBILIDADE PARA QUE SE CRIE ALGO. O ABSURDO EXIGE A REVOLTA; O REVIDE. A CRIAÇÃO DE UM SENTIDO.

